

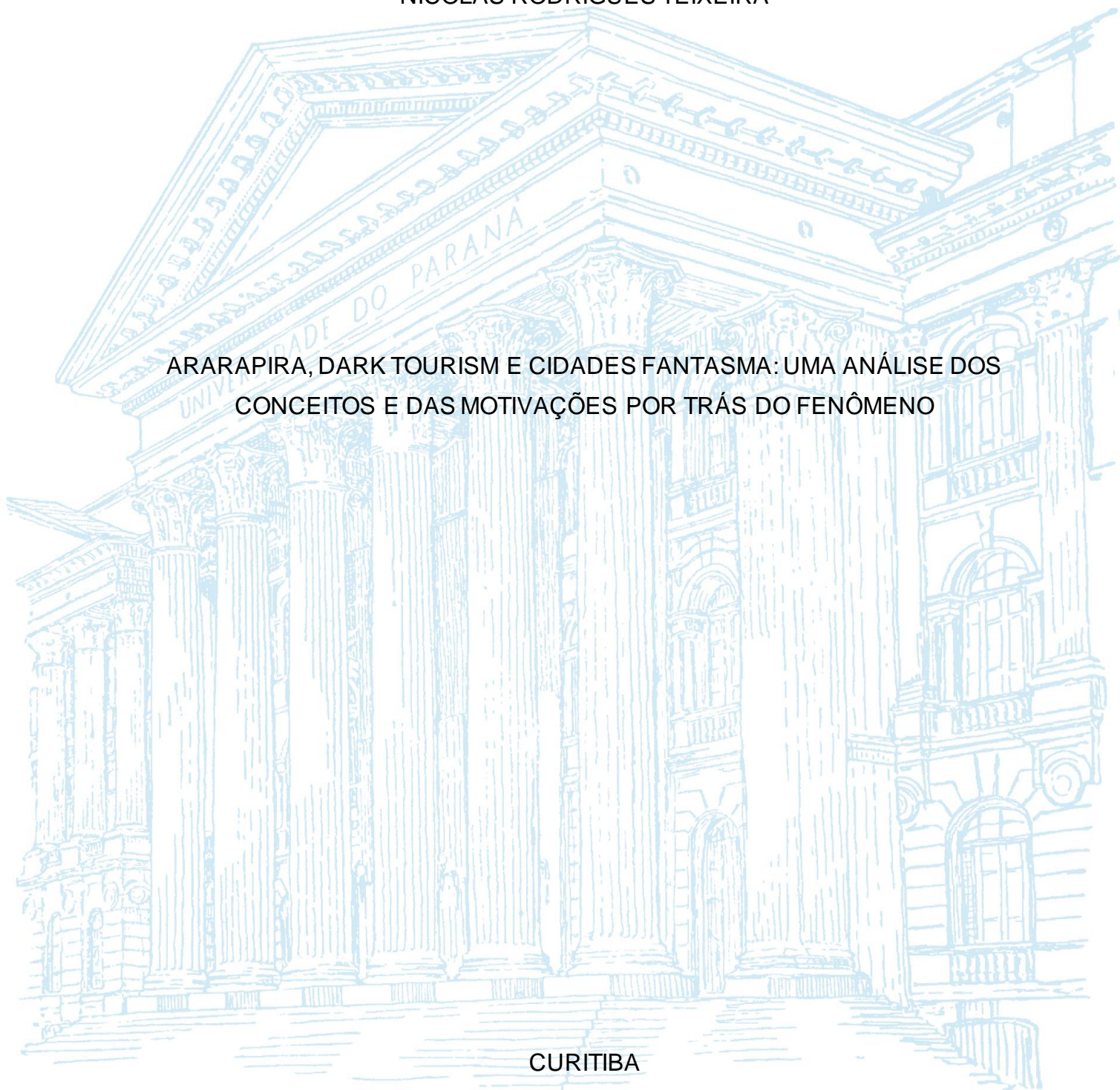
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NICOLAS RODRIGUES TEIXEIRA

ARARAPIRA, DARK TOURISM E CIDADES FANTASMA: UMA ANÁLISE DOS
CONCEITOS E DAS MOTIVAÇÕES POR TRÁS DO FENÔMENO

CURITIBA

2021



NICOLAS RODRIGUES TEIXEIRA

ARARAPIRA, DARK TOURISM E CIDADES FANTASMA: UMA ANÁLISE DOS
CONCEITOS E DAS MOTIVAÇÕES POR TRÁS DO FENÔMENO

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo
apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo,
Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Bartoszeck Nitsche

CURITIBA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

NICOLAS RODRIGUES TEIXEIRA

ARARAPIRA, DARK TOURISM E CIDADES FANTASMA: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS E DAS MOTIVAÇÕES POR TRÁS DO FENÔMENO

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Profa. Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche
Orientadora – Departamento de Turismo, UFPR.

Profa. Dra. Luciane Neri
Departamento de Turismo, UFPR.

Sr. Pedro da Silva Mortiz
Diretor e sócio administrativo, BAC Viagens / Xtreme Travel

Curitiba, 08 de dezembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a mim mesmo, que me dediquei durante quase o ano inteiro de 2021 à produção deste trabalho, conciliando com as aulas em EAD e o estágio com as pesquisas e leituras. Manter a mente sã em plena pandemia não foi fácil, mas com a ajuda e o carinho de muitas pessoas foi possível passar por esse momento tão delicado.

Agradecer também a minha família, que sempre mostrou interesse na minha pesquisa e me incentivou a continuar no tema. Mais especificamente aos meus pais que me ajudaram muito em obter respostas para o questionário. Ao meu irmão que mesmo longe sempre me deu uma força com o que podia.

Agradecer a minha namorada Jaqueline, que durante a produção do meu trabalho me emprestou o kindle e o livro do Sharpley e Stone, que me incentivou a e ajudou a escolher a temática do trabalho e também que quando necessário, me dava broncas quando procrastinava.

Agradecer aos colegas e amigos que fiz na faculdade. Aos amigos de infância e adolescência que se mantiveram ao meu lado.

Agradecer às oportunidades de estágio que tive na Ópera de Arame, no Aeroporto Afonso Pena e atualmente na BAC Viagens/Xtreme Travel, onde foi possível conhecer mais sobre as mais diversas áreas do turismo.

E agradecer a professora Letícia, que aceitou me orientar neste trabalho e apostar num tema um tanto quanto incomum. Muito obrigado pela atenção que deu a mim e ao tema e pela paciência.

E por fim, agradecer a UFPR, que permitiu que esta jornada incrível fosse possível.

RESUMO

O dark tourism ainda é um nicho de mercado pouco explorado e com poucos estudos sobre o assunto dentro do meio acadêmico e científico. Dentro do aspecto do dark tourism, encontra-se a exploração das cidades fantasma ou povoações abandonadas. Diante disso, o trabalho se propõe a compreender os aspectos teóricos do dark tourism e das motivações por trás desta prática para a aplicação de um projeto de turismo na povoação abandonada de Ararapira, localizada no litoral norte do estado do Paraná. Para se atingir o objetivo principal do trabalho, foi adotada a pesquisa exploratória e descritiva, com métodos de pesquisa bibliográfica e documental em livros, artigos científicos e sites sobre o tema. Além disso, foi elaborado e aplicado um questionário online na plataforma Google Forms com a finalidade de entender a demanda e a motivação por trás do dark tourism. Também foi realizada uma entrevista com um gestor do ICMBio, visto que a localidade do objeto de estudo localiza-se dentro de uma área de proteção ambiental. Com as informações obtidas, foi possível elaborar um projeto de turismo com a finalidade de difundir os conhecimentos do dark tourism e possibilitar a localidade de Ararapira de desenvolver o turismo dentro do tema do dark tourism.

Palavras-chave: dark tourism, cidades fantasma, povoações abandonadas, Ararapira, história, motivação.

ABSTRACT

Dark tourism is still a not so know and less explored market niche with few studies on the subject among the academic and scientific fields. Within the aspect of dark tourism, there is the exploration of ghost towns or abandoned villages. Therefore, the work aims to understand the theoretical aspects of dark tourism and the motivations behind this practice for the application of a tourism project in the abandoned village of Ararapira, located on the northern coast of the state of Paraná. To achieve the main objective of the work, exploratory and descriptive research was adopted, with bibliographic and documentary research methods in books, scientific articles and websites on the subject. In addition, an online questionnaire was designed and applied on the Google Forms platform in order to understand the demand and motivation behind dark tourism. An interview was also carried out with an ICMBio manager, as the location of the object of study is located within an area of environmental protection. With the information obtained, it was possible to develop a tourism project in order to spread knowledge of dark tourism and enable the town of Ararapira to develop tourism within the theme of dark tourism.

Palavras-chave: dark tourism, ghost towns, abandoned villages, Ararapira, history, motivation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DE BODIE.....	18
FIGURA 2 – RUA PRINCIPAL DE BODIE.....	20
FIGURA 3 – EDIFICAÇÕES EM BODIE.....	20
FIGURA 4 - RUÍNAS DE BODIE.....	21
FIGURA 5 - VISTA DE BODIE.....	21
FIGURA 6 - LOCALIZAÇÃO DE CENTRALIA.....	22
FIGURA 7 - IGREJA EM CENTRALIA.....	23
FIGURA 8 - FUMAÇA SUBTERRÂNEA.....	23
FIGURA 9 - RACHADURA NA RUA.....	24
FIGURA 10 - CASAS EM RUÍNAS EM ASHLAND.....	25
FIGURA 11 - PIONEER TUNNEL.....	25
FIGURA 12 - LOCALIZAÇÃO DE KAYAKÖY.....	26
FIGURA 13 - IGREJA EM KAYAKÖY.....	27
FIGURA 14 - RUÍNAS EM KAYAKOY.....	28
FIGURA 15 - VISTA PANORÂMICA DE KAYAKOY.....	28
FIGURA 16 - LOCALIZAÇÃO DE PRYPIAT.....	29
FIGURA 17 - RODA GIGANTE.....	30
FIGURA 18 - VISTA AÉREA.....	31
FIGURA 19 - MÁSCARAS DE GÁS.....	31
FIGURA 20 - JUPITER FACTORY.....	32
FIGURA 21 - LOCALIZAÇÃO DA ILHA HASHIMA.....	33
FIGURA 22 - VISTA PANORÂMICA.....	34
FIGURA 23 - EDIFÍCIOS ABANDONADOS.....	35
FIGURA 24 - RUÍNAS E VEGETAÇÃO.....	36
FIGURA 25 - VISTA GERAL.....	36
FIGURA 26 - LOCALIZAÇÃO DE IGATU.....	37
FIGURA 27 - RUÍNAS DE IGATU.....	38
FIGURA 28 - CENTRO HISTÓRICO DE IGATU.....	39
FIGURA 29 - LOCALIZAÇÃO DE ARARAPIRA E IMEDIAÇÕES.....	42

FIGURA 30 - LOCALIZAÇÃO MAIS APROXIMADA DE ARARAPIRA E IMEDIAÇÕES 43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - QUESTÕES E DESAFIOS DA OFERTA DARK NO TURISMO	13
QUADRO 2 - VIAS DE ACESSO	44
QUADRO 3 - ZONAS DE USO DA UC	45
QUADRO 4 - DEFINIÇÕES DA MOTIVAÇÃO E SEUS AUTORES	48
QUADRO 5 - SÍNTESE METODOLÓGICA	53
QUADRO 6 - LISTA DE ARTIGOS UTILIZADOS	54
QUADRO 7 - PÚBLICO ALVO PRETENDIDO	55
QUADRO 8 – EXEMPLOS DE LOCAIS VISITADOS PELOS RESPONDENTES	64
QUADRO 9 – JUSTIFICATIVAS DOS RESPONDENTES	71
QUADRO 10 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	93
QUADRO 11 – RECURSOS HUMANOS	93
QUADRO 12 - ORÇAMENTO PREVISTO	94

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - QUAL ESTADO VOCÊ MORA?	58
GRÁFICO 2 – QUAL SEU SEXO?.....	58
GRÁFICO 3 - QUAL SUA FAIXA ETÁRIA?.....	59
GRÁFICO 4 – QUAL É SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?	60
GRÁFICO 5 – QUAL SUA FAIXA DE RENDA.....	60
GRÁFICO 6 - QUANTAS VIAGENS VOCÊ COSTUMA REALIZAR POR ANO? (EXCLUINDO-SE O PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19).....	61
GRÁFICO 7 - QUAIS SÃO AS SUAS MOTIVAÇÕES PARA REALIZAR SUAS VIAGENS?	62
GRÁFICO 8 - VIAJARIA PARA LOCALIDADES ASSOCIADAS À MORTE OU SOFRIMENTO OU APARENTEMENTE ASSOMBRADAS E MACABRAS?	63
GRÁFICO 9 - VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM LUGAR DENTRO DO SEGMENTO DO DARK TOURISM? (EX: LOCAIS ABANDONADOS, LOCAIS DOTADOS DE LENDAS E SUPERSTIÇÕES SOBRENATURAIS, LOCAIS DE CRIMES E GUERRAS, LOCAIS ASSOCIADOS À MORTE E SOFRIMENTO, ETC)	63
GRÁFICO 10 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, COMO VOCÊ BUSCA INFORMAÇÕES SOBRE OS LOCAIS E DESTINOS?	65
GRÁFICO 11 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, COMO VOCÊ ORGANIZA SUAS VIAGENS?	65
GRÁFICO 12 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É O MEIO DE HOSPEDAGEM QUE PREFERE UTILIZAR NAS VIAGENS?	66
GRÁFICO 13 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É O TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA IDEAL PARA SUAS VIAGENS?	67
GRÁFICO 14 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É A FORMA QUE REALIZA SUAS VIAGENS?	67

GRÁFICO 15 - QUAIS DOS SEGUINTE SEGMENTOS DO DARK TOURISM MAIS LHE INTERESSA?.....	68
GRÁFICO 16 - COM BASE NA PERGUNTA ANTERIOR, O QUE TE MOTIVA A VISITAR ESTES LUGARES?	69
GRÁFICO 17 - O QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE AO SE VISITAR LOCALIDADES COMO ESTAS CITADAS ANTERIORMENTE?	70
GRÁFICO 18 - VOCÊ REALIZARIA UMA VIAGEM COM O OBJETIVO DE VISITAR UM LOCAL CONSIDERADO ABANDONADO, ISOLADO E DE DIFÍCIL ACESSO? (ACESSO SOMENTE POR ESTRADA DE TERRA OU BARCO?.....	70
GRÁFICO 19 - VOCÊ ACREDITA QUE EXISTE UM PROBLEMA ÉTICO EM EXPLORAR TURISTICAMENTE LOCAIS ASSOCIADOS À MORTE E AO SOFRIMENTO ALHEIO?	71
GRÁFICO 20 - VOCÊ ACHA VÁLIDO EXPLORAR TURISTICAMENTE LOCALIDADES ABANDONADAS COM OBJETIVO DE PRESERVAR A HISTÓRIA E MEMÓRIA LOCAL ALIADO A GERAÇÃO DE RENDA?.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MARCO TEÓRICO.....	11
2.1 DARK TOURISM: UMA DEFINIÇÃO TEÓRICA.....	11
2.2 CIDADES FANTASMA OU POVOAÇÕES ABANDONADAS	15
2.3 CIDADES FANTASMA TURÍSTICAS.....	17
2.3.1 Bodie CA, EUA	18
2.3.2 Centralia PA, EUA.....	22
2.3.3 Kayaköy, Turquia	26
2.3.4 Pripyat, Ucrânia	29
2.3.5 Ilha Hashima, Japão	33
2.3.6 Igatu BA, Brasil	37
2.4 ARARAPIRA E REGIÃO.....	41
2.5 MOTIVAÇÃO E SATISFAÇÃO: DA PSICOLOGIA AO TURISMO	48
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
4 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	57
4.1 QUESTIONARIO SOBRE PERFIL E MOTIVAÇÕES (SURVEY).....	57
4.2 CONVERSA COM GESTOR DO ICMBIO.....	74
4.3 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	75
4.3.1 Questionário	75
4.3.2 Entrevista.....	77
5 PROPOSTA DE PROJETO.....	79
5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO	79
5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO.....	91
5.2.1 Descrição das Etapas para Execução do Projeto.....	91
5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos Envolvidos em Cada Etapa	93
5.2.3 Descrição do Orçamento e Desembolsos por Etapa.....	94
5.2.4 Avaliação do Retorno do Investimento.....	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A – FORMULÁRIO GOOGLE FORMS	101

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM GESTOR DO ICMBIO	106
---	------------

1 INTRODUÇÃO

O turismo, além de promover o lazer e o descanso, desperta a curiosidade e a de conhecer locais, pessoas, culturas e histórias novas. Dentro deste propósito do conhecimento através do turismo, o *dark tourism* é uma das modalidades que encoraja e fascina turistas na busca do desconhecido, do misterioso ou do insólito. Normalmente associado ao sofrimento, à morte, à desastres e ao sobrenatural, o *dark tourism* engloba visitação de locais dotados de significância histórica de desastres naturais, nucleares ou biológicos, massacres e execuções, guerras e conflitos e de locais ermos e supostamente sobrenaturais.

Dentro do universo do *dark tourism*, encontra-se a exploração e visitação a localidades consideradas distópicas e abandonadas. Estes locais prendem a atenção do turista que, buscando experiências carregadas de emoções, movimentam o mercado turístico. Através desses conceitos, busca-se entender mais a fundo a dinâmica do *dark tourism* e das cidades fantasma, focando especificamente no povoado abandonado de Ararapira, que fica localizado no litoral norte paranaense, compondo administrativamente o município de Guaraqueçaba. Portanto, como problema de pesquisa surge a questão: Quais as características de um possível produto turístico dark tourism para o povoado abandonado de Ararapira?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar a motivação que envolve o dark tourism para o desenvolvimento turístico em Ararapira.

Como objetivos específicos, busca-se analisar produtos turísticos semelhantes em outras cidades fantasmas; compreender a motivação turística por trás do fenômeno; compreender a causa e origem do abandono de povoações, correlacionar a realidade de Ararapira com os conceitos técnicos do *dark tourism* e averiguar a potencialidade do povoado com finalidade de propor um produto turístico relacionado ao tema.

Logo, o estudo propõe-se a apresentar a situação das cidades fantasmas ou povoações abandonadas como principal estímulo turístico, que acabam resultando num repovoamento, mesmo que pequeno para a realização da nova atividade econômica.

Como metodologia, será utilizada pesquisa exploratória e descritiva através da busca em portais de periódicos, artigos e livros sobre o assunto, onde serão abordados os conceitos teóricos do *dark tourism*, das cidades fantasma, das motivações e do turismo na região estudada.

Para avaliar a potencialidade de Ararapira para o desenvolvimento turístico com base na temática do *dark tourism*, foi realizada a comparação da localidade com outras povoações abandonadas que possuem características semelhantes e que já estão desenvolvidas para o turismo.

Para entender a motivação por trás da busca deste fenômeno, foram realizadas pesquisas através de formulários digitais distribuídos em dois grupos: um generalizado e o outro específico de pessoas que consomem conteúdo fantástico e misterioso.

Com base no referencial teórico e nos dados obtidos através do questionário online e da entrevista com o gestor do ICMBio, foi elaborado um projeto de turismo que consiste na elaboração de um caderno contendo informações sobre o *dark tourism* e o povoado abandonado de Ararapira. O propósito deste projeto é difundir o conhecimento da prática do *dark tourism* e apresentar o povoado abandonado de Ararapira como uma localidade em potencial para se desenvolver turisticamente dentro da temática do *dark tourism*.

O trabalho a seguir foi estruturado de acordo com a seguinte ordem: marco teórico, procedimentos metodológicos, análise de resultados, proposta de projeto, considerações finais, referências e apêndices.

2 MARCO TEÓRICO

Para fundamentar a pesquisa a se realizar, alguns tópicos foram elencados para dar a base conceitual do trabalho. Esses tópicos foram escolhidos para proporcionar uma maior clareza, visto que os conceitos a serem abordados não são comumente estudados e geram um certo espanto. A seguir serão abordados temas como: *dark tourism* com suas definições teóricas e subdivisões; cidades fantasma e suas causas e origens; motivações humanas e suas relações no turismo; Ararapira e região.

2.1 DARK TOURISM: UMA DEFINIÇÃO TEÓRICA

O termo *dark tourism* foi concebido e classificado originalmente por Lennon e Foley (1996, p.195), onde definem qualquer tipo de visitação a locais de morte, desastres e atrocidades com caráter educativo, de entretenimento ou de memória. Desde então é considerado uma área especializada do turismo. Baseando-se neste conceito, Smith (2002, p.1188) ainda complementa que além do ato da visitação, o *dark tourism* é um produto das recentes circunstâncias do mundo moderno e uma influência importante sobre estas próprias circunstâncias. Para Sharpley e Stone (2009, l.299), o *dark tourism*, é o ato de viajar a localidades associadas à morte, sofrimento e aparentemente macabras ou sobrenaturais.

Entretanto, como exemplificam Sharpley e Stone (2009, l.162), a prática do *dark tourism* data antes mesmo da definição do próprio termo. Nesse caso, a prática acontecia de forma espontânea ou proposital desde os tempos do Império Romano no que se diz a respeito as batalhas no Coliseu, onde multidões se dirigiam para presenciar a luta mortal entre gladiadores. Por outro lado, na Idade Média, pessoas se deslocavam para presenciar execuções públicas. Boorstin (1969) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.162) alega que o primeiro tour guiado na Inglaterra em 1838 foi uma viagem de trem para testemunhar o enforcamento de dois assassinos. No contexto relacionado a guerras, o maior exemplo são as visitas no campo de batalha de Waterloo a partir de 1816 como afirma Seaton (1996) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.162). Desse modo, o *dark tourism*

para Sharpley e Stone (2009, l.162) pode ser considerado um fenômeno histórico que propõe a visitação de locais ou atrações que são constituídas de memórias anteriores.

A partir desta abordagem histórica, a prática do *dark tourism* vem ganhando notoriedade com a popularização do turismo no último século. Através da cultura popular em séries, podcasts, relatos de viagens, blogs e reportagens, cada vez mais surgem entusiastas que se interessam no assunto e criam produtos turísticos com esta temática. West (2004) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.223) entretanto, afirma que ainda não há consenso ou estudos mais aprofundados que definam se esta prática advém da demanda turística ou da oferta de atrações impulsionadas pelo que se refere a um conceito pós-moderno de *mourning sickness* – doença do luto (tradução livre).

Para Sharpley e Stone (2009, l.223), a combinação entre as palavras *dark* (macabro, obscuro, sombrio) e *tourism* (relaxamento, escape, hedonismo, prazer) criam um termo atraente e sensacionalista. Como um termo que nos traz sentimentos negativos como medo, luto, horror se relacionar diretamente com outro termo totalmente antagônico? Lennon (2002, p.6) faz uma autocrítica à própria terminologia citando que a palavra *dark* é comumente considerada como algo pejorativo, negativo, transgressivo ou suspeito.

Posto isso, para entender esse fenômeno e nicho de mercado, é necessário compreender as reais motivações que levam um indivíduo a procurar este tipo de turismo. Sharpley e Stone (2009, l.286) afirmam que a motivação por trás da prática do *dark tourism* é a procura por experiências que desafiam os turistas ou que põem à prova seu próprio senso de mortalidade. Já Rojek (1997) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.312) afirma que o que motiva o turista a procurar este tipo de experiência varia desde uma curiosidade mórbida a um senso de coletivo de identidade ou sobrevivência em face às violentas rupturas da rotina da vida coletiva. Mais especificamente, Tarlow (2005) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.312) relaciona a atração a locais macabros à nostalgia reflexiva ou restaurativa.

Dann (1998) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.312) identifica oito possíveis fatores que incluem o medo a fantasmas, busca de narrativas, nostalgia, desejo de lembrar o crime ou o desvio moral, *bloodlust* – sede de sangue (tradução livre) – e o flerte com a

morte. Entretanto, ainda afirma que esses fatores estão mais relacionados aos destinos e atrações do que com as motivações individuais do turista.

Juntamente com a compreensão da motivação do turista, é necessário ter um olhar mais crítico e técnico voltado não somente para a demanda, mas também para a oferta turística. Sharpley e Stone (2009, l.235) afirmam que localidades e atrações consideradas macabras necessitam de desenvolvimento, gestão, interpretação e promoção adequados. Ou seja, requerem entendimento completo do fenômeno do *dark tourism* justaposto aos contextos sociais, culturais, históricos e políticos. Dessa forma, manifestam-se questões e desafios a serem consideradas ao se ofertar um produto turístico considerado sombrio, conforme Quadro 1.

QUADRO 1 - QUESTÕES E DESAFIOS DA OFERTA DARK NO TURISMO

Questões	Desafios
Éticas	Comercialização e comoditização da morte ou sofrimento alheio.
Promocionais	As localidades macabras são criadas por acidente, ou seja, não foram criadas e desenvolvidas para a atividade turística. Necessário um plano de adaptação para comportar a atividade turística.
Interpretativas	Apresentar as atrações e informações de modo que a história da vida e morte dos envolvidos seja clara e de maneira verossímil com os eventos ocorridos.
Gestão	Respeito as vítimas, seja pela maneira ou local de morte. Integridade do local: a popularidade de uma localidade pode acarretar um aumento na capacidade de carga, podendo gerar degradação e até a destruição do local. Integridade da comunidade: compreender a significância do evento ou espaço para a população local, respeitando a aceitação ou não da visitação.

FONTE: Adaptado de Sharpley e Stone (2009, l.230, l.246, l.261). Organizado pelo Autor (2021)

Visto isso, Sharpley e Stone (2009, l.393) apresentam de forma crítica quatro variáveis que devem ser levadas em consideração na análise do Dark Tourism:

- a) O imediatismo e espontaneidade da sensação de praticar o turismo em locais contemporâneos de morte e desastres, comparado com visitas premeditadas a locais organizados ou de eventos relacionados a acontecimentos históricos distantes ou próximos.

b) A distinção entre atrações ou experiências propositalmente construídas que interpretam ou recriam eventos ou atos associados com a morte, e locais “acidentais” (como igrejas, cemitérios ou memoriais que se tornaram atrações turísticas por acaso).

c) Até que ponto o “interesse na morte” – testemunhar a morte de outros, flertar com a morte em locais perigosos, aprender sobre a morte de pessoas famosas e assim por diante - é a razão dominante de visitação a esses lugares.

d) Por que e como localidades ou experiências são produzidas ou apresentadas – por exemplo, para propósitos políticos, educacionais, de entretenimento ou econômicos.

Em contrapartida ao que já fora apresentado, outros autores utilizam-se de terminologias alternativas para se referenciar ao *dark tourism*. Seaton (1996) por exemplo, cunhou o termo *thanatourism* – junção da palavra turismo com a palavra Thanatos ou Tânato que, na mitologia grega, era a personificação da morte - ao se referir ao turismo associado com a morte. Bloom (2000) utiliza-se do termo turismo mórbido. Já Rojek (1993) emprega o termo *black spot tourism* e turismo de luto. Por fim, Bristow e Newman (2004) fazem uso do termo *fright tourism*, que em tradução livre significa turismo de medo ou susto. (SHARPLEY E STONE, 2009, l.286).

Para fins de associação, o termo *fright tourism* apresentado por Bristow e Newman (2004) *apud* Sharpley e Stone (2009, l.286) melhora-se relaciona com a proposta a ser desenvolvida durante este trabalho, visto que é uma variação do *dark tourism* onde o indivíduo pode buscar emoções marcantes na sua experiência, não necessariamente relacionado com a morte ou sofrimento. Bristow (2020) enfatiza que o medo contribui nas emoções e na experiência do turista, citando que o *fright tourism* ocorre quando um turista procura uma oportunidade amedrontadora por pura diversão e prazer em uma destinação que possua uma história sinistra ou que seja promovida como tal.

Diferente do que Bristow (2005) demonstra nas localidades de Salem e Transilvânia, as cidades fantasma possuem um ar de mistério mais ligado ao abandono repentino. É a junção da sensação do desconhecido com o interesse histórico e cultural. Em suma, esses locais não possuem necessariamente uma história sinistra que instigue a procura turística, porém tem grande potencialidade de serem promovidas dessa forma. Para exemplificar melhor, no próximo tópico será abordado alguns conceitos sobre as cidades fantasma e suas relações fantásticas e humanas.

2.2 CIDADES FANTASMA OU POVOAÇÕES ABANDONADAS

Strazdes (2013), em seu artigo *Lessons from the Ghost Town of Bodie*, afirma que o termo cidades fantasma se originou para definir as comunidades abandonadas de mineração, moagem e madeiras dos Estados Unidos no final do século XIX. Ainda explica que seu uso é datado no início de 1875 por um repórter americano que empregou o termo para descrever cidades mineradoras que rapidamente tornaram-se desertas quando o minério acabou. O termo “fantasma” fora empregado de maneira econômica referindo-se aos “lucros fantasmas” e não necessariamente aos habitantes. Apesar de existirem em grande quantidade nos Estados Unidos, elas estão espalhadas no mundo todo e são resultados não somente de mineração e moagem, mas também de mudanças ambientais, assentamentos fracassados e de especulação imobiliária

Nestor Razente, autor do livro, *Povoações Abandonadas no Brasil* (2016), prefere referir-se às cidades fantasmas como povoações abandonadas. O motivo seria conceitualmente técnico, pois desse modo deixa-se de fora a alusão fantasiosa e sobrenatural do termo fantasma e designa uma atmosfera mais humana ao fenômeno.

Posto isso, Santos (1996) *apud* Razente (2016, p.9) define que povoações abandonadas são aquelas em que há a existência de um conjunto de edificações que, no passado, foi um lugar com moradias, escola, igreja e atividades econômicas, tendo sido categorizadas como arraial, vila ou cidade, e que, na atualidade encontra-se em ruínas, desabitado ou com pouquíssimas pessoas residindo. Variam desde os *pueblos* espanhóis, até o caso da cidade de Pripyat (desastre de Chernobyl na Ucrânia em 1986),

resultando em mais de dois mil casos no mundo todo, com sua maioria recorrente nos Estados Unidos.

Para o historiador espanhol Nicolás Cabrillana Ciézar (1989) *apud* Razente (2016, p.20), o motivo de abandono do estabelecimento humano permanente define-se por razões econômicas, sociais ou políticas. Ainda complementa que o espectro etiológico é amplo e sua abordagem se assemelha aos ciclos naturais da vida de qualquer produto ou ser humano: desenvolvimento inicial, crescimento, maturidade, declínio e obsolência. Pressupõe ainda que as causas socioeconômicas de uma localidade dão origem as povoações. Consequentemente, a decadência dessas atividades econômicas, levadas ao extremo, são a causa de sua ruína. Outras razões para o abandono de povoações inteiras podem incluir descasos, improvisações e desconhecimento humano, despreparo e irresponsabilidade humana, guerras e massacres, comprometimento de acessos como ferrovias e rodovias e ações políticas de governos. Ou seja, de um modo geral, segundo Razente (2016, p.20) “o homem é o principal agente da decadência urbana”, salvo em casos de desastres naturais inevitáveis.

Desta maneira, questiona-se: a partir de qual momento um aglomerado urbano passa a ser classificado como abandonado? Para Ciézar (1989) *apud* Razente (2016, p.22) no contexto dos *pueblos* espanhóis, o critério numérico de despopulação é suficiente. Entretanto, num entendimento geral, os números podem variar de acordo com o tempo e espaço. Por exemplo, Lepetit (2001, p.139 - 145) *apud* Razente (2016, p.23) aborda o critério temporal, onde considera que a cidade não abriga um tempo linear e sincrônico. Ou seja, ela é composta de ciclos temporais que se modificam constantemente de forma divergente. Sendo assim, cidades que dantes foram abandonadas voltam a ser povoadas, mesmo que por poucos moradores, para fins de desenvolvimento da atividade turística através da visitação e exploração. Fato este, que se deve a popularização do já citado anteriormente *dark tourism*.

Como exemplo, Razente (2016, p.22) cita inúmeras cidades localizadas no oeste americano de antiga exploração mineral; Walhalla na Austrália; *pueblos* como Foncebadon, aldeia espanhola em Léon, habitada apenas por uma família e que atualmente vem sendo revivida pelo fluxo de turistas e peregrinos a caminho de Santiago

de Compostela; e de Kayaköy, na Turquia, abandonada no início do século XX e retomada nos últimos tempos em função do turismo.

De um modo geral, as cidades fantasmas ou povoações abandonadas são de fato um fenômeno único que desperta curiosidade e inquietude. Sua existência e decadência é resultado unicamente da ação humana, que evoca o dualismo criatura-criador para exemplificar, citando Lefebvre (1999, p.146) *apud* Razente (2016, p.26) sobre o fetichismo do lugar: “quem cria o espaço, cria o que o preenche”.

Em síntese, o turismo vem se apropriando espontaneamente ou propositalmente de espaços distópicos outrora abandonados, resultando em um fenômeno que acaba por preservar a história e memória dessas localidades, seja de forma acidental ou planejada. Por mais que as povoações possam estar vazias de gente, elas estão lotadas de significância histórica. Em conjunto disso, toda uma narrativa misteriosa e fantástica acaba por se formar em volta dessas localidades, o que proporciona cada vez mais a prática e promoção do *dark tourism*. Aliado a esta busca pelo sobrenatural ou fantástico, o romantismo nostálgico ao passado histórico pode propiciar mensagens educativas, políticas e sociais. Para o historiador Peter Fritzsche (1959) *apud* Razente (2016, p.28), “lançar o olhar sobre o passado é a melhor maneira de enfrentar a assombração da vetustez daquilo que foi deteriorado pelo tempo”. Particularmente no caso do Brasil, não há como resgatar as causas do abandono sem uma viagem ao passado, compreendendo todas as dinâmicas, contradições e confrontos do seu próprio povoamento.

Posto isso, o tópico a seguir irá compreender algumas cidades fantasma que, de forma planejada ou espontânea, obtiveram êxito na exploração turística.

2.3 CIDADES FANTASMA TURÍSTICAS

Como citado anteriormente por Razente (2016), existem mais de 2000 cidades fantasma espalhadas pelo mundo, com sua maioria nos Estados Unidos. Visto isso, um entusiasta alemão do *dark tourism* chamado Peter Hohenhaus, resolveu criar um site repositório (dark-tourism.com) com informações dos chamados *dark sites* e organizou por país. Atualmente esse site contém inúmeras informações de mais de 1000 localidades

como histórico, o que ver ou fazer, localização, acesso e valores, tempo requerido, combinações com outros *dark sites*, combinações com outras localidades “comuns” e fotografias. Infelizmente, este site não possui informações sobre o Brasil.

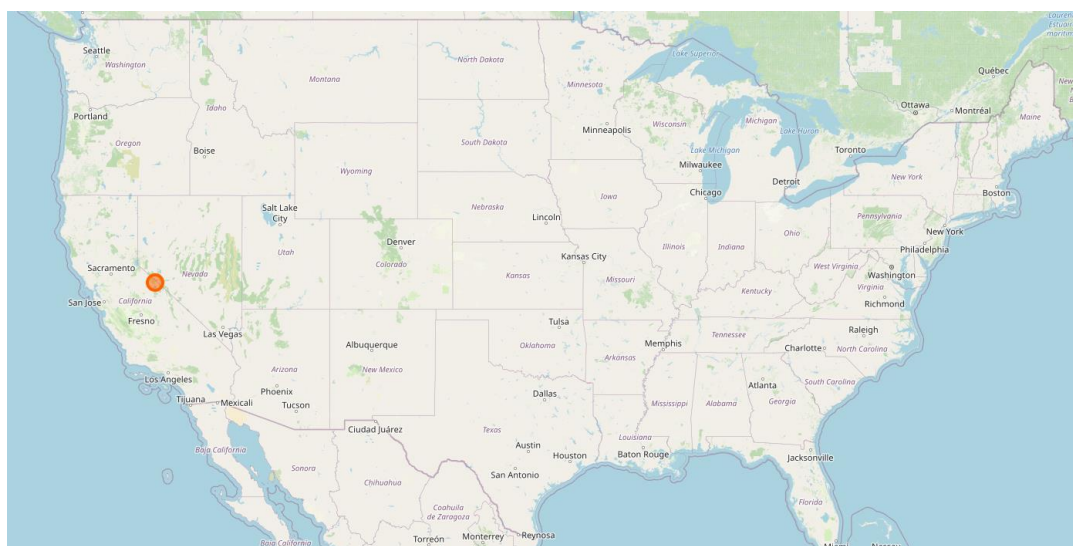
Outras informações foram retiradas do site da revista online Somewhere Unique e também do site da companhia AtlasObscura, cujo CEO Warren Webster e sua equipe disponibilizam informações de localidades e experiências incomuns e escondidas em diversos países e regiões, inclusive no Brasil.

A partir destas informações, algumas cidades fantasma foram selecionadas para fazer parte do corpo teórico deste trabalho para dar embasamento na proposta a ser sugerida em Ararapira.

2.3.1 Bodie CA, EUA

Talvez a cidade fantasma mais conhecida, bem-preservada e famosa do oeste americano. Bodie se localiza no estado norte americano da Califórnia no condado de Mono, onde faz parte da região turística da Serra Nevada. (STRAZDES, 2013, p.223) (FIGURA 1).

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DE BODIE.



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021).

De acordo com as informações do Atlas Obscura (2021), a cidade foi fundada em 1859 durante a expansão ao oeste americano no que ficou conhecido popularmente como corrida do ouro. Originou-se principalmente por conta da presença do mineral na região, porém suas minas se esgotaram rapidamente, tornando-se uma cidade fantasma em meados de 1940. Cerca de 10 mil habitantes viviam em Bodie durante seu período mais próspero.

Atualmente a cidade é aberta ao público para a visita somente no verão, visto que durante o inverno o clima é extremamente rigoroso. Os principais atrativos são as mais de 200 estruturas originais de madeira que ainda se mantêm em pé, juntamente com os maquinários utilizados durante os processos de mineração.

Para melhorar a experiência turística, o governo do estado iniciou recentemente um processo de restauração das instalações, bem como a construção de caminhos mais acessíveis aos pedestres e de banheiros. Importante pontuar que Bodie não possui qualquer tipo de restaurante ou de postos de gasolina, o que convida o turista como Strazdes (2013, p.238) a uma caminhada solitária com um olhar romântico do passado.

Além disso, uma associação local sem fins lucrativos chamada de The Bodie Foundation realiza eventos anuais que incluem encenações históricas, tours fantasmas e workshops de fotografia. Esses eventos podem ser agendados via site da própria fundação e são extremamente procurados pelos turistas que visitam a região. A fundação tem como mote “proteger o futuro de Bodie ao se preservar seu passado”. THE BODIE FOUNDATION. (2021)

FIGURA 2 – RUA PRINCIPAL DE BODIE



FONTE: Liviemay, (2021). Disponível em: AtlasObscura.com/places/bodie-state-historical-park

FIGURA 3 – EDIFICAÇÕES EM BODIE



FONTE: Chassy (2021). Disponível em: AtlasObscura.com/places/bodie-state-historical-park

FIGURA 4 - RUÍNAS DE BODIE



FONTE: Louchebonvivant (2021). Disponível em: AtlasObscura.com/places/bodie-state-historical-park

FIGURA 5 - VISTA DE BODIE



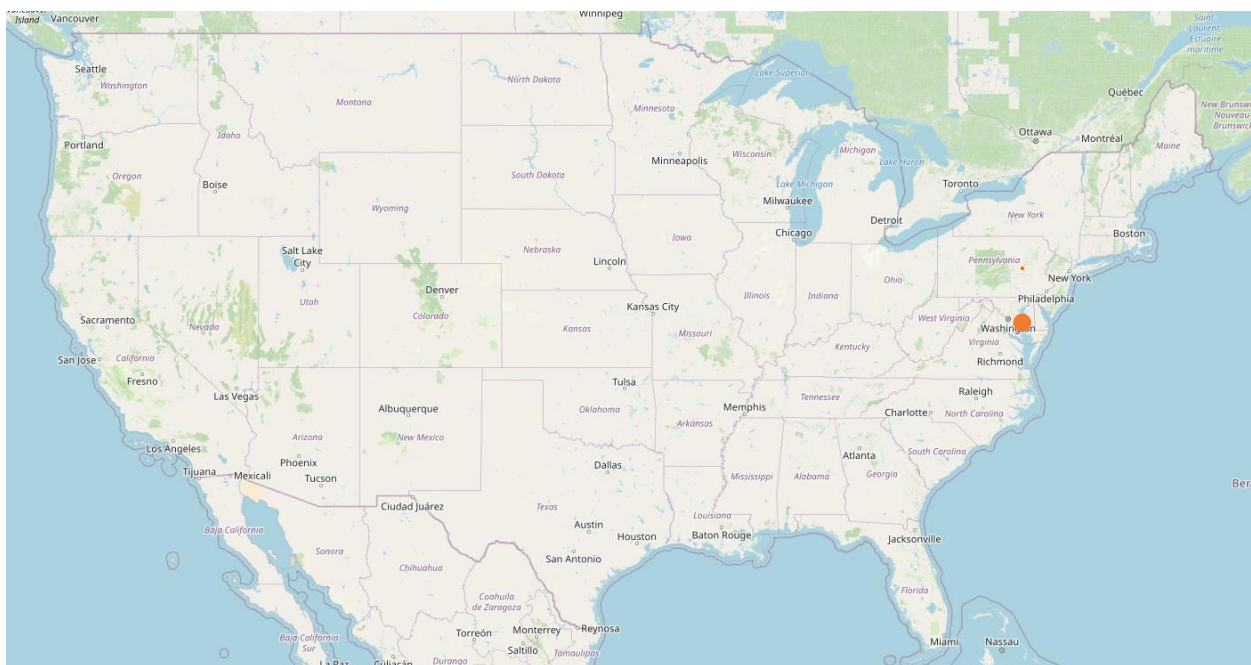
FONTE: Sandi Hemmerlen (2021). Disponível em: AtlasObscura.com/places/bodie-state-historical-park

2.3.2 Centralia PA, EUA

De acordo com as informações de Hohenhaus (2021), Centralia é uma cidade localizada em uma zona rural de mineração de carvão no estado da Pennsylvania, EUA (FIGURA 6).

De acordo com Elick (2011), em 1962 um incêndio subterrâneo tomou conta das minas ali existentes e continua queimando até os dias atuais. Devido a esta condição, a cidade foi evacuada e tornou-se fantasma. O que restou foram apenas rachaduras nas estradas por onde fumaça e gases subterrâneos ainda escapam, proporcionando uma paisagem nebulosa permanente. Hohenhaus (2021) afirma que é uma localidade única, porém pouco desenvolvida para o turismo.

FIGURA 6 - LOCALIZAÇÃO DE CENTRALIA.



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo o autor (2021)

Ainda de acordo com as informações de Hohenhaus (2021), seus maiores atrativos são as ruínas das casas que foram rapidamente abandonadas e as ruas desertas tomadas pelas enormes rachaduras de até 18 metros e pela natureza (FIGURA 9). Apesar de ser uma cidade que oferece certo tipo de risco, é uma localidade de acesso

irrestrito e de boa localização – cerca de 2 horas de carro da capital do estado, Filadélfia -, não tomando mais do que 20 minutos para conhecer o local. De acordo com site oficial de promoção de Centralia, a cidade serviu de inspiração para a série de jogos eletrônicos e filmes de terror *Silent Hill*.

FIGURA 7 - IGREJA EM CENTRALIA.



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 8 - FUMAÇA SUBTERRÂNEA



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 9 - RACHADURA NA RUA



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

Hohenhaus (2021) ainda pontua que, infelizmente ela não oferece nenhum tipo de infraestrutura turística, sendo dependente da infraestrutura existente na cidade próxima de Ashland (4,3Km), que oferece além de estadia e alimentação, atrativos relacionados à mineração, como o Ashland Museum of Anthracite Mining e o Pioneer Tunnel (FIGURA 11).

FIGURA 10 - CASAS EM RUÍNAS EM ASHLAND



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 11 - PIONEER TUNNEL

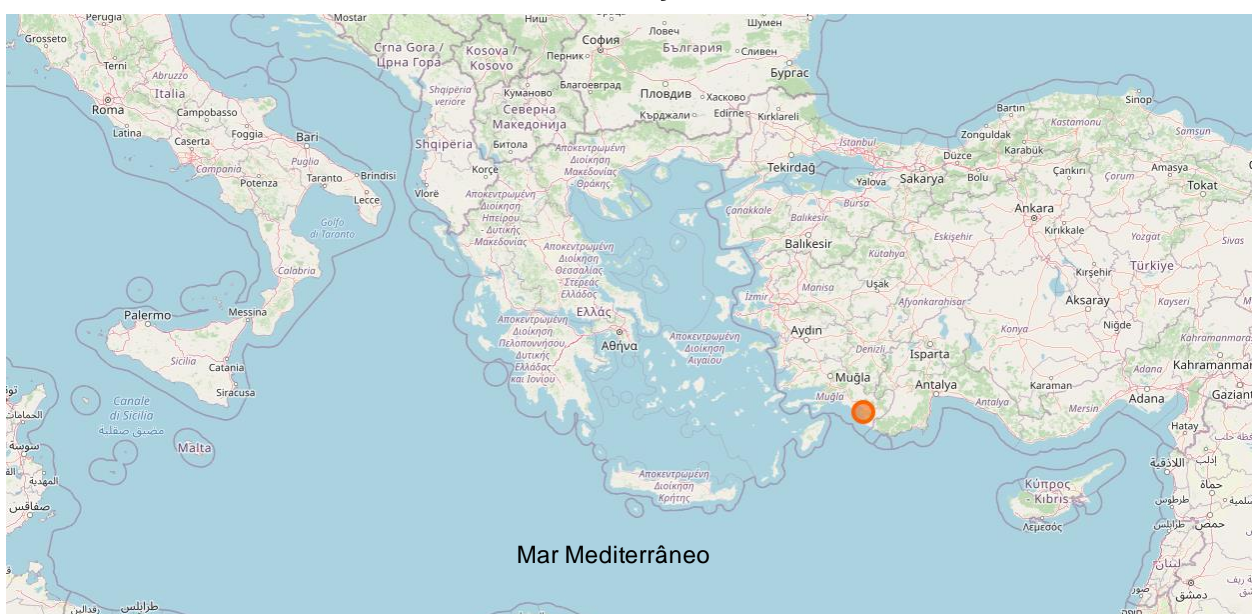


FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

2.3.3 Kayaköy, Turquia

A cidade de Kayaköy atualmente faz parte do território turco. De acordo com informações do site AtlasObscura (2021), a região era conhecida como Karmylassos, quando os gregos a ocuparam e mudaram seu nome para Levissi. Ela se localiza a sul de Istanbul, na costa do mar mediterrâneo. (FIGURA 12).

FIGURA 12 - LOCALIZAÇÃO DE KAYAKÖY

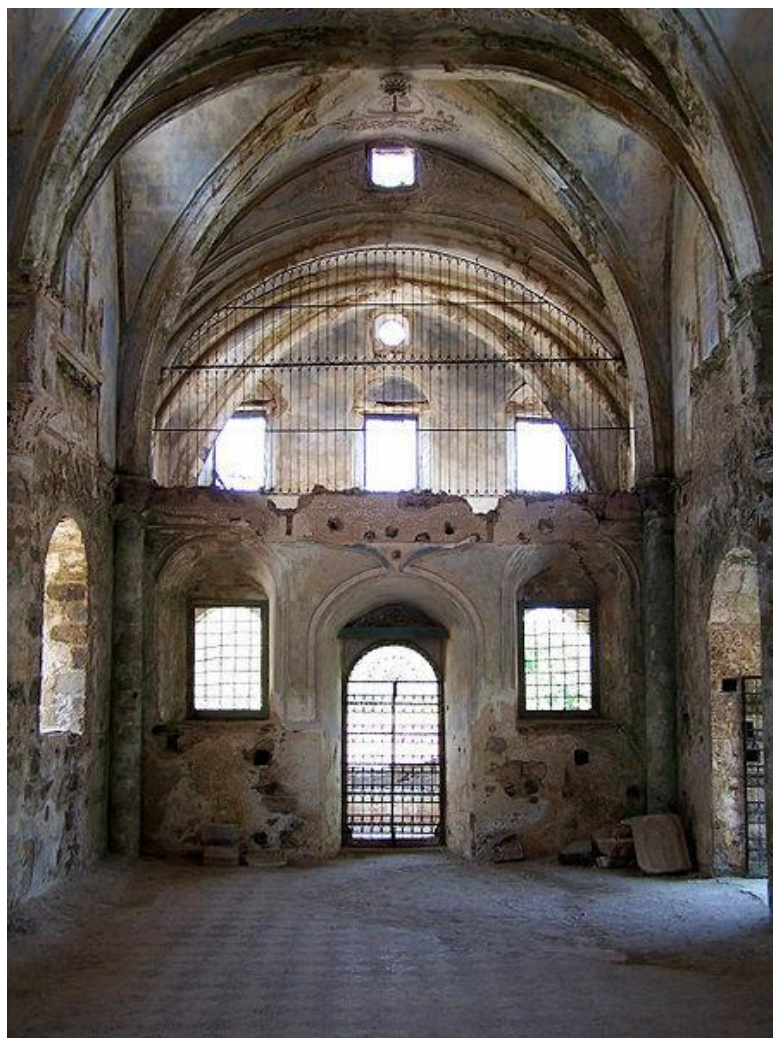


FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021).

Originalmente foi construída por volta dos anos 1700 onde foi residência de cerca de 20 mil gregos que viveram pacificamente até os adventos da queda do Império Otomano e da Primeira Guerra Mundial no início do século XX. Em 1922, a cidade foi palco de um conflito extremamente violento entre turcos e gregos, o que culminou na fuga dos residentes gregos para a Grécia. Desde então a localidade permaneceu abandonada onde cerca de 350 casas – a maioria sem teto -, duas igrejas ortodoxas e cisternas de água compõem a paisagem (FIGURAS 13, 14 e 15). As intempéries climáticas aceleraram o processo de decaimento do local, proporcionando uma estética de como se a cidade fosse muito mais antiga do que parece.

A visitação ao local se dá através da aquisição de passeios de micro ônibus nas cidades próximas de Fethiye ou Ölüdeniz, com o valor aproximado de 8 Liras Turcas. A localidade conta com um museu privado que conta a história local, loja de souvenirs e restaurantes no estilo rural, oferecendo comidas típicas da Turquia. Ozer et al (2015, p.23) acrescentam que a região de Fethiye é propícia para práticas de observação de pássaros, eco turismo e turismo relacionado a práticas de esportes ao ar livre.

FIGURA 13 - IGREJA EM KAYAKÖY.



FONTE: Darwinek (2021). Disponível em: atlasobscura.com/places/kayakoy-turkey

FIGURA 14 - RUÍNAS EM KAYAKOY



FONTE: Darwinek (2021). Disponível em: atlasobscura.com/places/kayakoy-turkey

FIGURA 15 - VISTA PANORÂMICA DE KAYAKOY



FONTE: Darwinek (2021). Disponível em: atlasobscura.com/places/kayakoy-turkey

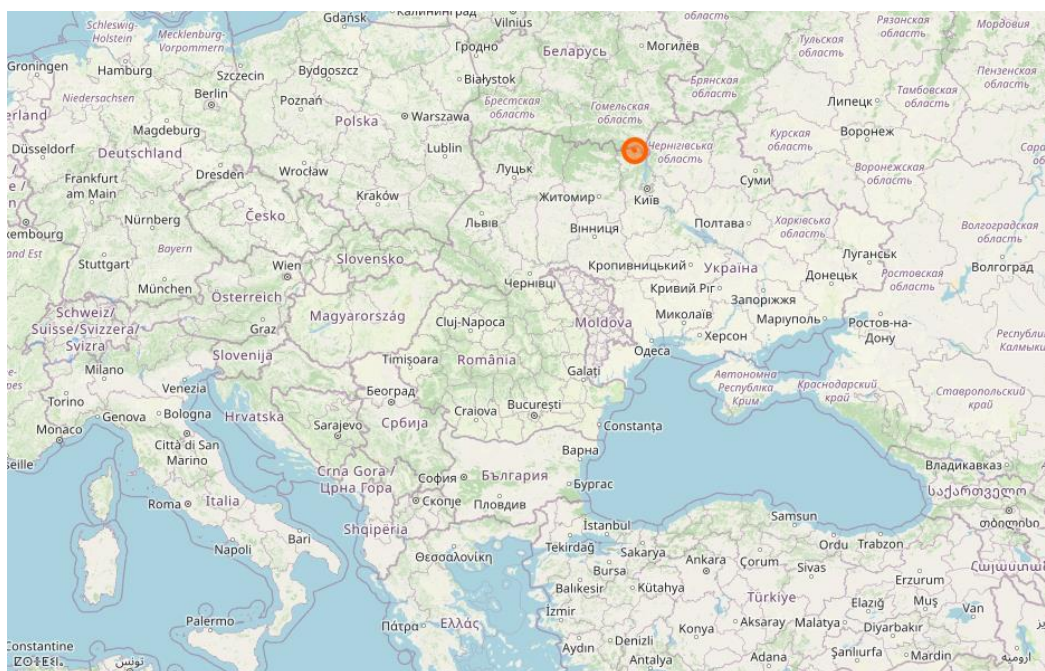
2.3.4 Pripyat, Ucrânia

De acordo com informações de Hohenhaus (2021), talvez seja a cidade fantasma mais famosa e conhecida no mundo todo. Prypiat localizada na Ucrânia (FIGURA 16), foi uma cidade construída em 1970 como parte de um plano de ocupação para os trabalhadores da Usina Nuclear de Chernobyl. Entretanto, em abril de 1986, após um acidente nuclear no reator da usina, a cidade foi evacuada às pressas, tornando-se uma cidade fantasma do dia para a noite.

Ela se localiza dentro da Zona de Exclusão de Chernobyl que compreende uma área de aproximadamente 2.600 km². Essa zona de segurança foi definida pois, mesmo após diversos anos, o risco radioativo é eminente.

Hryhorczuk (2018) pontua que a partir de 2011, o ministro da justiça da Ucrânia permitiu e tornou o espaço da zona de exclusão um espaço visitável por turistas, seguindo critérios rígidos. Apesar do perigo, existem níveis seguros de visitação sendo oferecido através do chamado Chernobyl Tour em Kiev, capital da Ucrânia.

FIGURA 16 - LOCALIZAÇÃO DE PRYPIAT.



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo o autor (2021)

Hohenhaus (2021) ainda afirma que a localidade é considerada o ápice do *dark tourism*. O cenário distópico e pós-apocalíptico criam uma atmosfera única, juntamente com aquela sensação de volta ao tempo da época soviética.

Os atrativos mais consideráveis são o parque de diversões com sua icônica roda gigante (FIGURA 17), a praça principal com o centro cultural (FIGURA 18), a escola com centenas de máscaras de gás (FIGURA 19) espalhadas pelo chão e a fábrica Júpiter (FIGURA 20). O acesso e visitação à localidade é restrito, sendo condicionado a uma permissão de entrada oferecida pelos operadores turísticos em Kiev. Os valores dos tours variam de acordo com o tipo e quantidade de pessoas no grupo, mas normalmente entre USD 86 a USD 415 por pessoa. O local fica a cerca de duas horas de viagem via terrestre da capital Kiev e aproximadamente 12 horas são necessárias para o bate-volta, contando com todas as paradas de checagem, refeições, deslocamento e passeio.

FIGURA 17 - RODA GIGANTE



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 18 - VISTA AÉREA



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 19 - MÁSCARAS DE GÁS



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 20 - JUPITER FACTORY



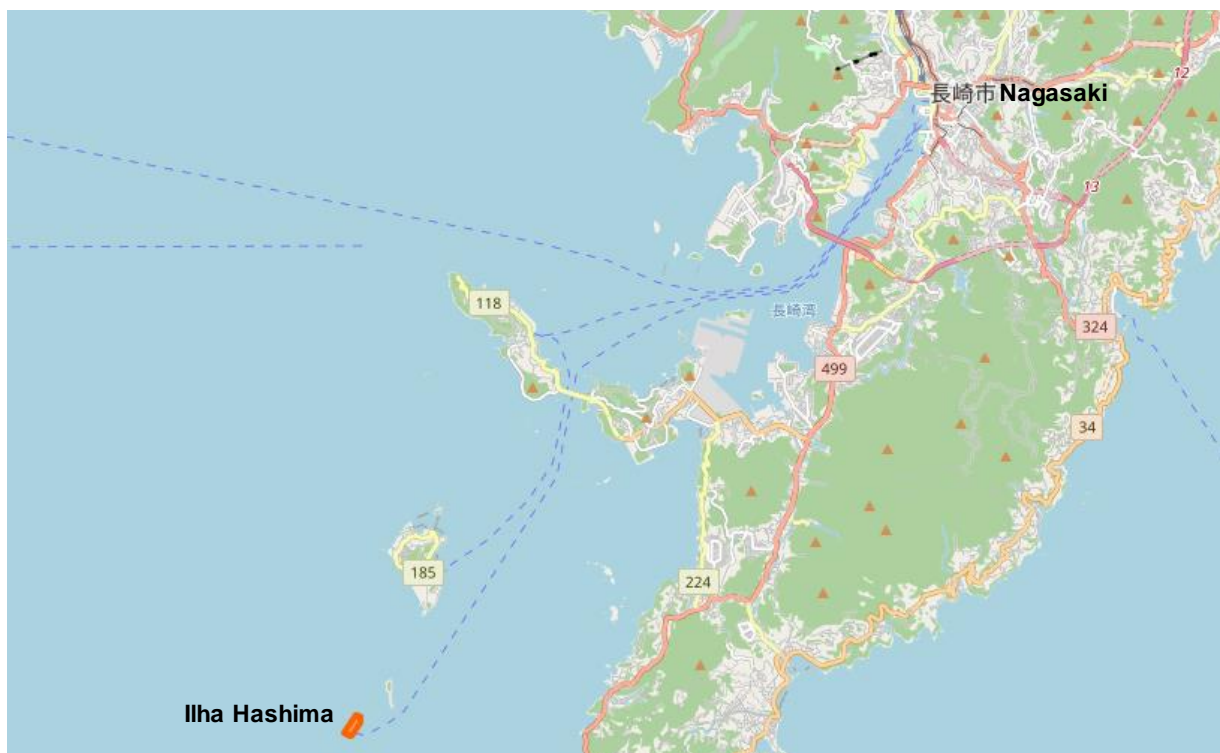
FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

Ainda de acordo com informações de Hohenhaus (2021), nem todos podem visitar o local. Menores de 18 anos e mulheres grávidas são expressamente proibidos. Além disso é obrigatório utilizar-se de vestimentas que cubram qualquer parte exposta do corpo independente do clima e é proibido alimentar-se dentro da zona de exclusão. A entrada em edificações é proibida por conta do risco de colapso estrutural e é altamente recomendável não encostar em nada, evitar andar sobre vegetações e utilizar roupas e tênis que possam ser descartados depois. Apesar das restrições, cerca de 50 mil pessoas visitam o local anualmente.

2.3.5 Ilha Hashima, Japão

A Ilha Hashima ou Gunkanjima, é uma pequena porção de terra insular localizada no mar a sudoeste da cidade japonesa de Nagasaki (FIGURA 21). Hohenhaus (2021) em seu site descreve que no século XIX, a ilha foi adquirida pela Mitsubishi durante o período de industrialização (Era Meiji) do Japão para fins de exploração do carvão abundante da região. Para isso foram construídos inúmeros edifícios para abrigar os então trabalhadores e suas famílias que viriam a operar nas minas ali presentes. A quantidade de carvão era tão abundante que muitos operários se mudavam para o local a fim de melhorar suas condições de vida. A ilha tornou-se um dos ápices do desenvolvimento na época e chegou a ser o ponto com a maior densidade demográfica do planeta.

FIGURA 21 - LOCALIZAÇÃO DA ILHA HASHIMA.



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021).

Hohenhaus (2021) ainda afirma que, em 1976, as minas foram fechadas devido ao abandono do carvão como forma de combustível pelo governo japonês. Por conta disso, o local foi esvaziado e abandonado completamente. Somente em 2009, barcos turísticos começaram a operar e explorar a região. Devido ao interesse dos turistas na região, o governo japonês entrou com um requerimento para a inclusão da Ilha Hashima como patrimônio da humanidade da UNESCO. Desde então, o local começou a ser explorado turisticamente, contando com reformas para melhorar os acessos aos pontos de observação e desenvolvimento de passeios áudio-guiados. Importante pontuar que a ilha ganhou mais visibilidade após aparecer em cenas do filme 007: Operação Skyfall.

Entretanto somente uma porção da ilha é aberta à visitação, cujo acesso é extremamente restrito. De acordo com Dixon et al (2016, p.175) e Hohenhaus (2021) a única maneira de acesso oficial à ilha é adquirindo os passeios de barco com os operadores no porto de Nagasaki. O custo da visitação gira em torno de USD 30 a USD 40 por pessoa, cujo passeio dura cerca de 2 horas no barco e 30 minutos na ilha. O principal atrativo da ilha são as enormes edificações de concreto deixadas à mercê do tempo (FIGURAS 22, 23 ,24 e 25).

FIGURA 22 - VISTA PANORÂMICA



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 23 - EDIFÍCIOS ABANDONADOS



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com.

FIGURA 24 - RUÍNAS E VEGETAÇÃO



FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com

FIGURA 25 - VISTA GERAL

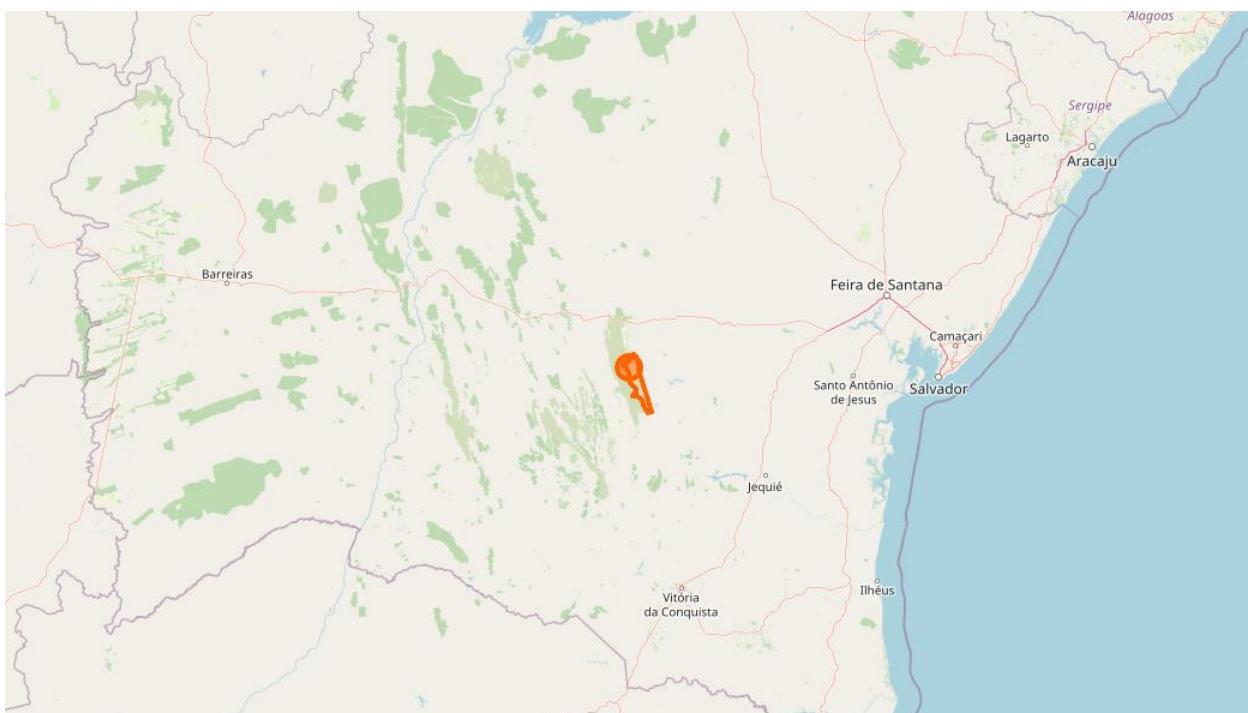


FONTE: Peter Hohenhaus (2021). Disponível em: dark-tourism.com

2.3.6 Igatu BA, Brasil

Assim como surgiram cidades americanas por conta da corrida do ouro, aqui no Brasil surgiram cidades por conta do ciclo do diamante, descoberto em 1844 na região que hoje conhecemos como Chapada Diamantina. Igatu foi e é uma dessas cidades, que diferente de muitas outras previamente citadas, ainda possui moradores. De acordo com Andrade (2008), ela pode ser considerada uma cidade quase fantasma, com seus pouco mais de 300 moradores. Ela é um distrito do município de Andaraí, localizada bem no centro do estado da Bahia e muito próxima do Parque Nacional da Chapada Diamantina (FIGURA 26).

FIGURA 26 - LOCALIZAÇÃO DE IGATU.



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021).

Andrade (2008) pontua que os principais atrativos são as ruínas (FIGURA 27), o centro histórico (FIGURA 28), tombado no ano de 2000 pelo IPHAN, o garimpo do brejo, a galeria de arte e o ateliê do artista plástico Dimitri de Igatu e a subida da Rampa do

Caim, que dá acesso ao mirante com vista ao vale do Pari e do Paraguaçu. Em 2008, a cidade foi escolhida como set de filmagens para o filme brasileiro Besouro.

Atualmente as ruínas fazem parte do Parque Histórico de Igatu, cuja visitação é irrestrita e de fácil acesso pela rodovia BA-142. A cidade possui uma infraestrutura básica de apoio turístico com locais para estadia e alimentação tradicional da região. A galeria de arte à céu aberto possui uma taxa de visitação de R\$ 5,00 por pessoa.

FIGURA 27 - RUÍNAS DE IGATU



FONTE: Eudoxio Jr (2019). Disponível em: [TripAdvisor.com](https://www.tripadvisor.com)

FIGURA 28 - CENTRO HISTÓRICO DE IGATU



FONTE: Lara C. (2019) Disponível em: [TripAdvisor.com](https://www.tripadvisor.com)

As localidades acima citadas possuem em comum o fato de serem consideradas como povoações abandonadas e serem procuradas para a realização da atividade turística. Cada uma delas com suas particularidades e motivos que deram origem a seu abandono total ou parcial.

Bodie por exemplo, é mantida pela Bodie Foundation e realiza visitas e encenações periodicamente. Centralia foi totalmente abandonada e é pouco desenvolvida para o turismo, mas sua singularidade acaba atraindo turistas curiosos. Já Kayakoy, tem grande relevância histórica, pois foi palco batalhas entre Turcos e Gregos na antiguidade. Atualmente possui atividade turística relacionada a ecologia e aos esportes ao ar livre. Pripyat e a Ilha Hashima contam com excursões que periodicamente levam turistas para visitar o que restou das instalações. E Igatu, apesar de ser pouco

povoada, é considerada uma cidade fantasma. Suas ruínas constituem um museu a céu aberto que promove a questão histórica e cultural da região. Dessa forma, percebe-se que as povoações abandonadas podem ser utilizadas e promovidas para a promoção do turismo das mais variadas formas.

A partir disso, o próximo tópico a ser desenvolvido será relacionado a povoação abandonada de Ararapira, localizada no litoral norte do estado do Paraná. Importante notar que, o turismo na região é pouco desenvolvido e através do levantamento bibliográfico até então apresentado é possível correlacionar as características das cidades anteriormente apresentadas com a povoação abandonada de Ararapira.

2.4 ARARAPIRA E REGIÃO

Para aprofundar mais sobre o assunto e sobre o objeto principal de pesquisa, é necessário compreender questões históricas e geopolíticas da região. De acordo com as descrições de Razente (2016), Ararapira, anteriormente chamada São José da Marinha e posteriormente São José de Ararapira, foi fundada após o curto ciclo do ouro no Sul da então Capitania de São Paulo, não tendo uma data oficial de fundação definida. Alguns autores divergem sobre a data, que podem ser: 1727, 1767 e 1770 (Leão, 1926; Almeida, 1963; Vieira dos Santos, 2001, *apud* Razente 2016, p.403). Entretanto muito antes dessas supostas datas, já haviam relatos de expedições próximas à região de Cananéia, tendo sido descritas em diários de viagens de embarcações europeias. Alguns nomes importantes como Hans Staden, Martim Afonso de Souza e Diego de Sanabria, entre outros, sugerem a presença europeia na região. Ao longo de todo período colonial e imperial, a região era povoada também por indígenas das etnias Tupiniquim e Carijó, padres jesuítas, vicentinos e a existência de ocupações quilombolas indicava também a presença de mão-de-obra escrava.

De acordo com IBGE (2017), ao longo dos anos, o povoado existiu territorialmente sempre de forma subordinada à Guaraqueçaba, antes denominada Freguesia de Guaraquessaba (1854), que por sua vez era subordinada administrativamente ao município de Paranaguá. Em 1880, Guaraquessaba foi desmembrada de Paranaguá e foi elevada à categoria de vila e somente em 1911 em município constituído do distrito sede. Em 1937 três distritos foram criados em Guaraquessaba: Guaraquessaba, Ararapira e Superagui. Em seguida, por meio de decreto estadual em 1938, o município foi extinto e novamente anexado à Paranaguá. Após alguns anos, através de Lei Estadual de 1951, a agora denominada Guaraqueçaba é recriada como município e desanexado de Paranaguá. Na mesma lei o distrito de Ararapira retorna para a administração de Guaraqueçaba e cria-se o novo distrito Serra Negra. Sua divisão territorial permanece assim desde então.

Importante ressaltar que existem diversas denominações com o nome Ararapira na região. Dentro do município de Guaraqueçaba existe o distrito administrativo de

Ararapira, onde estão localizadas a Barra do Ararapira e o povoado de Ararapira. O objeto de estudo desse trabalho refere-se somente ao povoado de Ararapira, conhecido também como Ararapira Velha, às margens do rio homônimo e próximo ao distrito de Ariri (SP).

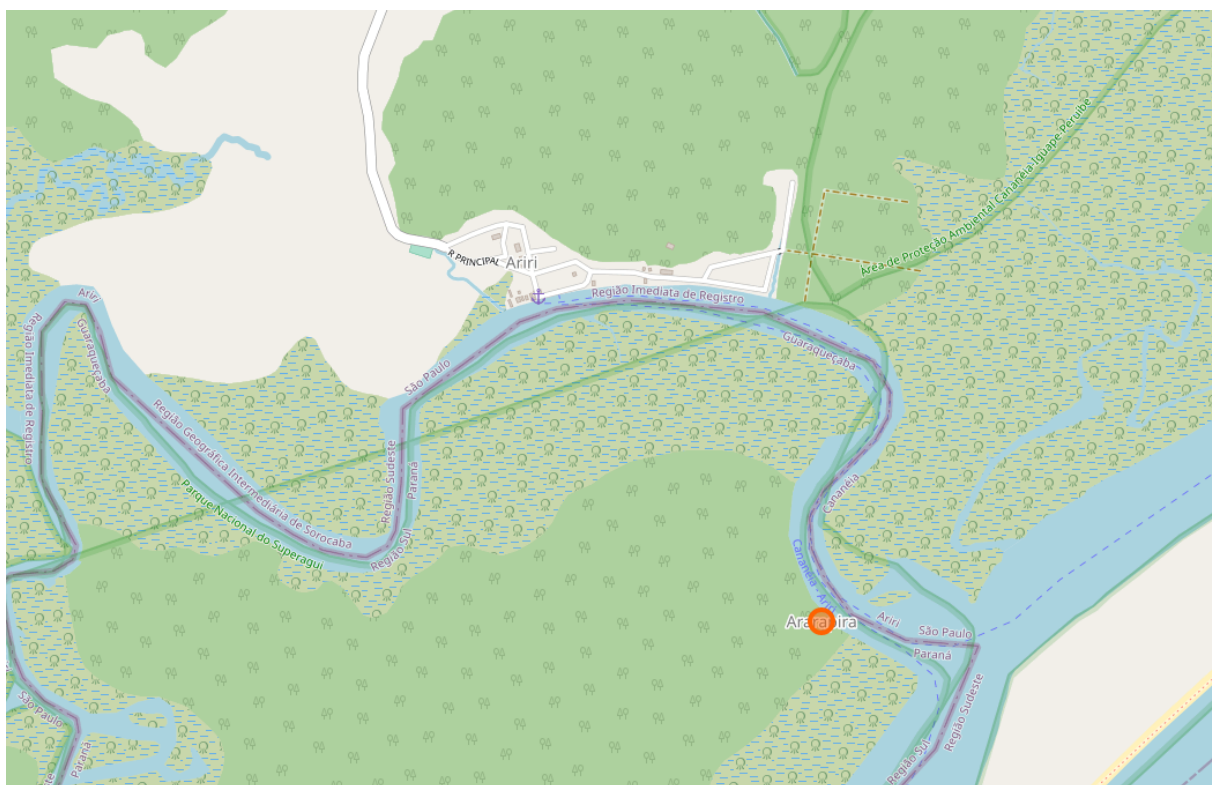
Ademais, geograficamente, o povoado de Ararapira localiza-se no litoral norte do estado do Paraná (FIGURA 29 e 30), no Distrito de Ararapira, pertencente ao município de Guaraqueçaba, fazendo divisa com o estado de São Paulo. Inclui-se ao complexo lagunar de Iguape/Cananeia/Paranaguá e está inserida no Parque Nacional do Superagüi.

FIGURA 29 - LOCALIZAÇÃO DO POVOADO DE ARARAPIRA E IMEDIAÇÕES



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021)

FIGURA 30 - LOCALIZAÇÃO MAIS APROXIMADA DO POVOADO DE ARARAPIRA E IMEDIAÇÕES



FONTE: OpenStreetMap.org. Organizado pelo autor (2021).

Razente (2016) ainda complementa explicando que a localidade era antes um importante entreposto estratégico comercial de parada de embarcações no Brasil Imperial e que hoje é considerada uma povoação abandonada, devido a questões de disputa territorial, à erosão marítima violenta intensificada após a abertura do Canal do Varadouro em 1940, a construção da BR-101 e a criação da estação ecológica de Guaraqueçaba e do Parque Nacional do Superagui. Atualmente, possui somente um morador chamado Josias de Oliveira, que recebe uma ajuda de custo dos antigos moradores agora residentes em Cananeia, para cuidar e preservar o local. (MILLEO, 2021)

De acordo com a reportagem de autoria de Luciana Cristo publicada no portal eletrônico da Tribuna do Paraná em 2010, Ararapira foi esquecida e abandonada dentro do Parque Nacional do Superagui. Ainda afirma que o minúsculo fluxo turístico na região advém principalmente dos turistas que visitam o Superagui e o Parque Estadual da Ilha

do Cardoso, que atraídos pela narrativa fantástica acabam por visitar o local. Entretanto o clima de abandono e descaso ainda é predominante. Além de sofrer com as intempéries da erosão causadas pelo mar, a localidade sofre saques de imagens, depredações das edificações e do cemitério, inclusive com violações e pilhagens das sepulturas. Em continuidade na reportagem, é descrito que na época, deputados estaduais se mobilizaram para cobrar medidas de proteção da localidade para o poder público na esfera do Ministério do Meio Ambiente. Contudo essas mobilizações não surtiram efeito.

Entretanto, por estar incluída dentro do Parque Nacional do Superagui (PNS) e da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, Ararapira é um local singular e delicado. De acordo com ICMBio (2020), como um todo PNS é aberto à visitação e possui um programa de gestão que prioriza o ordenamento da visitação, controlando a entrada sem cobrança de nenhum tipo de taxa. Para se acessar a localidade há duas maneiras oficiais de acordo com o Plano de Manejo:

QUADRO 2 - VIAS DE ACESSO

Via Cananéia/SP	Via Ariri/SP
De segunda a sexta-feira em horários diversos há barcos da empresa Desenvolvimento Rodoviário S/A (DERSA), que saem de Cananeia e acessam as comunidades do Marujá e Pontal do Leste na Ilha do Cardoso, e pela proximidade atendem a comunidade da Barra do Ararapira às terças e quintas. Essa mesma embarcação segue para o Ariri e retorna a Cananeia. As saídas são do trapiche central de Cananéia onde há estacionamentos privados próximos.	Acesso por estrada municipal não pavimentada e depois é necessário fretar embarcação particular para chegar a Ararapira Velha (bem próxima a Ariri), Barra do Ararapira ou outra comunidade do PNS.

FONTE: Adaptado de Plano de Manejo do Parque Nacional do Superagui. ICMBio (2020). Organizado Pelo Autor (2021).

Dessa forma, é possível notar que a dificuldade de acesso pode impactar diretamente na demanda turística.

Além disso, é de extrema importância pontuar que dentro do PNS, Ararapira compõe zona de uso extensivo, zona de uso especial, zona de uso conflitante e zona de ocupação temporária. Ou seja, é necessário atentar-se as limitações e imposições da região para o uso consciente e sustentável do turismo descritas no QUADRO 3 abaixo:

QUADRO 3 - ZONAS DE USO DA UC

Zona de Uso Extensivo

É aquela constituída em sua maior parte por áreas naturais, podendo apresentar algumas alterações humanas.

Localização: Banco de areia da Barra do Ararapira (Coroa da Barra do Ararapira) e Canal do Ararapira; Trilhas: de Ararapira à Barra do Ararapira; Rios e Baías: Varadouro.

Justificativa: Nas praias arenosas das ilhas das Peças e do Superagui ocorrem aves de ambientes aquáticos e espécies migratórias. São áreas propícias para recreação de baixo impacto, como caminhadas, ciclismo e observação noturna da paisagem.

Normas

1. As atividades permitidas na ZUEx são a proteção, a visitação, a pesquisa e o monitoramento ambiental.
2. É permitida a instalação de infraestrutura de apoio às atividades de uso público, tais como, passarelas, pontilhões, sanitários, pequenos mirantes, trapiches e o refúgio da Praia Deserta, sempre em harmonia com a paisagem;
3. O acampamento é permitido apenas na área do refúgio rústico previsto para a Ilha do Superagui e na área da trilha dos Rio dos Patos, após definição de local e regulamentação específica, sendo proibido em outras áreas da zona.
4. Os passeios usando apenas embarcações a remo são permitidos na baía dos Pinheiros, canal do Ararapira e nos rios: das Peças, das Laranjeiras, da Pescada, do Papagaio e Boguaçu, localizados na Ilha das Peças; do Cerquinho, Real, da Paciência, do Conha e do Varadouro, localizados na Ilha do Superagui;
5. Os passeios de barco são permitidos: na Baía dos Pinheiros, no canal do Ararapira e nos rios: do Papagaio, Boguaçu e da Pescada, localizados na Ilha das Peças; do Cerquinho, Real, da Paciência, do Conha e Varadouro, localizados na Ilha do Superagui;
6. Os passeios de barco e usando embarcações a remo são permitidos no rio Bandarra, na ilha das Peças.
7. O banho é permitido na foz dos rios Cerquinho, Real, Varadouro, dos Patos e Conha, bem com o nas praias arenosas, bancos de areia e baía dos Pinheiros;
8. No entorno da Ilha do Pinheiro: os barcos devem permanecer atracados a, no mínimo, 100 metros da margem, com motor desligado.
9. Serão permitidas, inicialmente, 30 embarcações simultaneamente para a atividade de observação do papagaio, até serem definidas conforme Número Balizador da Visitação e monitoramento dos impactos, posteriormente.
10. É proibida qualquer ação que perturbe os animais, como por exemplo, jogar fochos de luz em sua direção ou a utilização de aparelhos sonoros;
11. É proibido pernoitar embarcado no entorno da Ilha do Pinheiro;

Zona de Uso Especial

É aquela que contém as áreas necessárias à administração, manutenção e serviços da Unidade de Conservação, abrangendo habitações, oficinas e outros.

Localização: Parte de Ararapira (Velha).

Justificativa: é estratégica para a gestão da porção norte da unidade, que é divisa com o estado de São Paulo, necessitando de uma maior proteção em função da facilidade de acesso.

Normas:

1. Aproveitar a infraestrutura já existente quando possível;
2. É permitida a construção de alojamentos para apoio à proteção, pesquisa e monitoramento, além de estruturas de apoio;

3. A iluminação a ser utilizada na infraestrutura deverá ter uma projeção de maneira que não perturbe o dormitório dos papagaios.

Zona de Uso Conflitante

Constituem-se em espaços localizados dentro de uma Unidade de Conservação, cujos usos e finalidades, estabelecidos antes da criação da Unidade, conflitam com os objetivos de conservação da área protegida.

Localização: Canal do Varadouro e a interseção dos rios que desembocam nesse Canal, até chegar a Ararapira (Velha).

Justificativa: a Ilha do Superagui tratava-se de uma península e, portanto, estava ligada ao continente. Em 1953 o Canal do Varadouro foi aberto para facilitar a navegação entre os estados do Paraná e São Paulo. Com a ampliação do PNS, o Canal ficou dentro dos seus limites. É uma hidrovía que ainda possibilita às comunidades da Barra do Ararapira, Varadouro e Ariri, acessarem Guaraqueçaba e Paranaguá.

Normas:

1. Os passeios de barco e a canoagem são permitidos no Canal do Varadouro;
2. É permitido o tráfego de embarcações no Canal do Varadouro, em função da hidrovía, cujos limites de velocidade, calado e demais normas serão estabelecidos por instrumento específico;
3. É proibida a retirada de areia e a pesca esportiva;
4. É permitida a manutenção das trilhas dos sistemas de abastecimento de água, mediante autorização do órgão gestor da UC;

Zona de Ocupação Temporária

São áreas dentro das Unidades de Conservação onde ocorrem concentrações de populações humanas residentes e as respectivas áreas de uso.

Localização: sub-zona de Ocupação Temporária, que inclui a área das comunidades da Barra do Ararapira, Barbados, Colônia do Superagui, Vila Fátima, Canudal, Abacateiro e parte de Ararapira (Velha).

Justificativa: São áreas ocupadas por comunidades tradicionais, a saber: Barra do Ararapira, Barbados, Vila Fátima, Canudal e Abacateiro, Colônia e Ararapira.

Normas:

1. Os passeios de barco e a canoagem são permitidos no rio Mãe Luzia, na ilha das Peças;
2. Nas ocupações existentes na Praia Deserta é proibida a construção de pousadas ou uso do terreno para camping.
3. As atividades existentes podem ser mantidas, porém sem aumento do volume de usuários ou da área utilizada.
4. O uso de recursos naturais florestais pelas comunidades será permitido, conforme regras a serem definidas em Termo de Compromisso e observando-se as restrições impostas pela legislação vigente no caso das espécies ameaçadas, cujos acordos serão construídos em conjunto com as comunidades.
5. A elaboração dos termos de compromisso está condicionada aos estudos de uso dos manguezais, sendo que apenas as pessoas beneficiadas por Termo de Compromisso terão acesso a essas áreas;
6. Será definido um mínimo de 30% da área total dos manguezais como áreas de exclusão de pesca, fixas ou rotativas, até serem realizados estudos de impacto e monitoramento dessa atividade sobre os manguezais e a manutenção das suas espécies, quando esse percentual será ajustado.
7. O ordenamento das atividades deve obedecer à legislação de pesca vigente (épocas 185 do ano, petrechos, tamanho, entre outros).
8. É permitida a implantação da Trilha Caminhos de Michaud, em Barbados, na Ilha do Superagui;

9. A visitação aos sítios históricos e pré-históricos ocorrerá somente após a garantia da segurança ao patrimônio;
10. O sambaqui localizado em Canudal é uma área destinada às atividades de pesquisa, visitas educacionais e turismo de observação;
11. É permitida a manifestação cultural da Festa de São José, que ocorre no mês de março em Ararapira;
12. É proibido retirar, mover ou danificar qualquer objeto, peça, construção e vestígio do patrimônio cultural, histórico e arqueológico da UC, exceto para fins de pesquisa ou resgate do material, desde que com autorização do órgão gestor da UC.
13. É proibida a fixação de residências na Sub-Zona de Ocupação Temporária Manguezal.
14. Outras regras quanto ao uso de recursos naturais ou instalação de moradias e infraestrutura pelas comunidades tradicionais será objeto de discussão e regulamentação por Termo de Compromisso.

FONTE: Adaptado de Plano de Manejo do Parque Nacional do Superagui. ICMBio (2020). Organizado Pelo Autor (2021).

Com observância principalmente às normas, é possível deduzir que Ararapira pode ser visitada por turistas, desde que a entrada seja controlada e todas as normas de segurança e manutenção do patrimônio histórico e natural sejam respeitadas à risca.

Partindo para uma abordagem mais relacionada ao turismo, os principais atrativos de Ararapira é a Igreja de São José de Ararapira, as edificações históricas restantes, o cemitério e a exuberância dos remanescentes da mata atlântica. (ICMBio, 2020). Além disso, todos os anos em meados de março, é realizado a festa de São José, evento no qual os antigos moradores retornam ao povoado para celebrar. Há também a trilha que liga Ararapira com Barra do Ararapira.

De acordo com as consultas no Plano de Manejo (ICMBio, 2020) sobre roteiros operados por agências ativas no ano de 2012, é possível verificar menções de visitação em Ararapira por pelo menos 2 agências, em conjunto com visitação em diversos outros pontos turísticos dentro do PNS. De um modo geral, o perfil do turista que visita o PNS e consequentemente visita Ararapira são os amantes da natureza, profissionais de áreas ambientais, estudantes, estrangeiros de 30 a 60 anos que buscam a natureza, o descanso, pesca e praias.

Ademais é importante ressaltar que Ararapira não possui infraestrutura básica de apoio à atividade turística, sendo dependente exclusivamente da infraestrutura disponível no distrito de Ariri, localizado a noroeste na margem oposta do Rio Ararapira (FIGURA 30). Ou seja, é necessária uma integração ou desenvolvimento de uma estrutura própria que obedeça às normas da UC.

No mais, é importante reforçar que Ararapira possui grande significância histórico-cultural e ecológica. Apesar dos obstáculos, normas ambientais e dificuldade de acesso, a localidade mesmo não tendo uma história sinistra, pode ser promovida como tal, como anteriormente afirmado por Bristow (2005). É uma oportunidade de colocar Ararapira novamente nos mapas e roteiros, oferecendo um produto atraente com temática fantástica e misteriosa. Conseqüentemente irá chamar a atenção dos turistas que visitam o PNS e dos turistas que se interessam pelo tema. Entretanto, é notório que os antigos moradores da região têm certa resistência com esta identificação de certa forma sensacionalista (ICMBIO, 2020). Ou seja, antes de qualquer tipo de intervenção, é necessário um diálogo com os órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio ambiental e cultural da região, bem como da população local.

2.5 MOTIVAÇÃO E SATISFAÇÃO: DA PSICOLOGIA AO TURISMO

Para entender mais sobre a motivação que envolve o fenômeno do *dark tourism*, é necessário buscar na área da psicologia as raízes do termo “motivação.” Dessa forma, é possível ter uma maior compreensão acerca do assunto quando se relaciona com o turismo. Sendo assim, a definição da motivação humana é um campo amplamente abordado pelos estudiosos do campo da psicologia. Suas origens históricas se relacionam com as perspectivas da psicoterapia de Freud, da psicometria com os testes de aptidão e das teorias de aprendizagem de Hull e Skinner (TODOROV e MOREIRA, 2005).

Abaixo o QUADRO 4 adaptado e compilado de Todorov e Moreira (2005) com diversos autores e suas respectivas definições teóricas acerca da motivação.

QUADRO 4 - DEFINIÇÕES DA MOTIVAÇÃO E SEUS AUTORES

DEFINIÇÃO	AUTOR(ES)
Um motivo é uma necessidade ou desejo acoplado com a intenção de atingir um objetivo apropriado.	Krench & Crutchfield, 1959, p. 272
Uma busca dos determinantes (todos os determinantes) da atividade humana e animal.	Young, 1961, p. 24

A propriedade básica dos motivos é a energização do comportamento.	Kimble & Garmenzy, 1963, p. 405
O energizador do comportamento.	Lewis, 1963, p. 560
Um exame cuidadoso da palavra (motivo) e de seu uso revela que, em sua definição, deverá haver referência a três componentes: o comportamento de um sujeito; a condição biológica interna relacionada; e a circunstância externa relacionada.	Ray, 1964, p. 101
Pode-se falar em uma teoria da motivação e significar uma concepção coerente dos determinantes contemporâneos da direção, do vigor e da persistência da ação.	Atkinson, 1964, p. 274
Motivação: o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos.	Deese, 1964, p. 404
Motivação é um termo como aprendizagem no sentido de que tem sido usado de numerosas maneiras, com vários graus de precisão. Não nos preocuparemos com seu sentido exato, principalmente porque não tem sido usado de maneira precisa neste contexto.	Logan & Wagner, 1965, p. 91
Entendemos por motivo algo que incita o organismo à ação ou que sustenta ou dá direção à ação quando o organismo foi ativado.	Hilgard & Atkinson, 1967, p. 118
A psicologia tende a limitar a palavra motivação... aos fatores envolvidos em processos de energia, e a incluir outros fatores na determinação do comportamento.	Cofer, 1972, p. 2
Motivação, como muitos outros conceitos na psicologia, não é facilmente delimitado... Inferimos que 'uma pessoa está motivada' com base em comportamentos específicos que a pessoa manifesta ou com base em eventos específicos que observamos estarem ocorrendo.	Ferguson, 1976, p. 3
A questão da motivação é a questão 'por que' formulada no contexto do comportamento. Interrogações desse teor podem ser feitas indefinidamente e limitamos o âmbito de nossas respostas ao que delineamos, com certa precisão, como a disciplina da psicologia.	Evans, 1976, p. 23
O estudo da motivação é a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento.	Arkes & Garske, 1977, p. 3
Mudanças na significância de estímulos são a preocupação básica do estudo da motivação.	Catania, 1979, p. 61
Para cada ação que uma pessoa ou animal executa, nós perguntamos: 'Por que ele ou ela fez aquilo'. Quando fazemos esta pergunta, estamos perguntando sobre a motivação daquela pessoa ou animal... Questões sobre motivação, então, são questões sobre as causas de uma ação específica.	Mook, 1987, p. 3

Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa.	Rogers, Ludington & Graham, 1997, p. 2
Os motivos são concebidos... como forças que são moldadas pela experiência.	Dweck, 1999, p. 134
... a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade.	Lieury & Fenouillet, 2000, p. 9
Em abordagem operacional, (motivação) é o conjunto de relações entre as operações de estimulação ou privação e as modificações observadas no comportamento que se processa após as citadas operações.	Penna, 2001, p. 19
... intrinsic motivation occurs when three "psychological states are present: experienced meaningfulness of the work, experienced responsibility for outcomes of the work, and knowledge of actual results of the work.	Thomas, 2002, p. 116
A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo...	Bzuneck, 2004, p. 9

FONTE: Adaptado de Todorov e Moreira (2005). Organizado pelo autor (2021).

Posto estas definições, percebe-se que não há um consenso que defina exatamente o que é a motivação. Por um lado, isso dificulta o entendimento acerca do termo, por outro lado dá liberdade para inúmeras abordagens e aplicações no campo da psicologia. Portanto, de um modo geral, a motivação pode ser entendida como uma ação biológica e psicológica do comportamento humano impulsionado pelos desejos e vontades que direcionam a um objetivo, de acordo com as definições do QUADRO 4 acima.

Além disso, a motivação é frequentemente associada a satisfação. Para Reiss (2004) apud. CORREIA et al. (2013, p.413) nós, como seres humanos, prestamos atenção ao estímulo que é relevante para a satisfação de nossos desejos e, tendemos a

ignorar os estímulos que não satisfazem nossos desejos. Nesse contexto, os desejos podem ser considerados o fator determinante da motivação intrínseca.

Partindo em direção ao campo do turismo, Yoon e Uysal (2005) apud. Correia et al. (2013, p.413) as motivações internas estão relacionadas com o emocional e com os desejos de autoatualização, descanso, lazer e interações sociais, enquanto as motivações externas são relacionadas com o ambiente e com fatores cognitivos como paisagem, clima, hospitalidade e infraestrutura. Dessa forma, as motivações internas e externas são correlatas, sendo elas em conjunto, o ponto de partida na decisão do turista.

Estudos recentes afirmam que a cultura é um dos mais significantes fatores da motivação que leva o turista a decidir sobre certos destinos e também um ponto de referência para explicar a origem das preferencias interculturais entre diferentes países geradores de turistas. (FUNK AND BRUNN, 2007; KOZAK, 2002; MAOZ, 2007 APUD. CORREIA ET AL, 2013, P.414). Claramente, o turismo cultural ou patrimonial tornou-se um dos segmentos de maior crescimento por conta de uma tendência de maior especialização dos turistas. Fato este observável pelo evidente aumento no volume de turistas que buscam aventuras, cultura, história, arqueologia e interações com a população autóctone. (HOLLINSHEAD, 1993; HUGHES E ALLEN, 2005; NURYANTI, 1996; APUD. CORREIA ET AL. 2013, P.414)

Mais especificamente relacionado ao *dark tourism*, Sun e Lv (2021, p.2) explicam através de suas pesquisas que o fenômeno é emocionalmente carregado e sua experiência é subjetiva e pessoal, incluindo experiências positivas e negativas. Estas experiências foram definidas por Cave e Buda (2018) apud. Sun e Lv (2021, p.2) como “souvenires emocionais”. Já Zhang et al. (2016) apud. Sun e Lv (2021, p.2) baseados em pesquisas empíricas, identificaram cinco experiências afetivas, incluindo medo, tristeza, choque, apreciação e depressão que exemplificam o *dark tourism* como uma vivência emocional mista e ambivalente.

Podoshen et al. (2015) complementa citando que turistas que se engajam na atividade podem experimentar emoções com base no lugar que estão juntamente com os estímulos que os acompanham e, então, repassam essas emoções para outras

peças próximas. O resultado é que um grupo de pessoas pode experimentar um estado emocional semelhante a uma reação em cadeia.

Com base nisso, a pesquisa a ser desenvolvida irá abordar as motivações e variáveis que levam o turista a procurar e praticar o *dark tourism* em cidades fantasma. Dentre elas podemos citar o caráter de aprendizado cultural, educacional e político, a apreciação histórica, arqueológica e arquitetônica, a busca de emoções positivas e negativas, a lembrança e a adrenalina, diversão e prazer. Dessa forma será possível compreender a motivação por trás do fenômeno juntamente com a *survey* e com isso desenvolver a proposta a ser sugerida durante este trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Gerhard e Silveira (2009) este trabalho enquadra-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. Exploratória pois utiliza-se de levantamento bibliográfico e de análise de exemplos que proporcionam uma melhor compreensão e familiaridade sobre o assunto e descritiva pois utiliza-se de estudos de caso que possam descrever fatos e fenômenos.

Dessa forma serão utilizados esses métodos para a análise do fenômeno do *dark tourism* aplicado em cidades fantasma ou povoações abandonadas, mais especificamente no povoado de Ararapira para propor um modelo de desenvolvimento da atividade turística como forma de preservação da identidade local, comparando a outras localidades semelhantes categorizadas como cidades fantasma.

Para se alcançar os objetivos específicos e conseqüentemente o objetivo principal, foi elaborado o QUADRO 5 com a síntese metodológica, facilitando a compreensão da linha de raciocínio.

QUADRO 5 - SÍNTESE METODOLÓGICA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	INSTRUMENTOS DE COLETA	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS
Analisar outras cidades fantasma como produtos turísticos	Pesquisa Bibliográfica Pesquisa Documental	Fichamento	Análise Bibliográfica
Compreender a motivação do dark tourism	Pesquisa Bibliográfica Entrevista	Fichamento Survey	Análise Bibliográfica Interpretação de Dados
Compreender a causa e origem do abandono de povoações	Pesquisa Bibliográfica	Fichamento	Análise Bibliográfica
Correlacionar a realidade de Ararapira com os conceitos técnicos de dark tourism	Pesquisa Bibliográfica Pesquisa Documental Entrevista	Pesquisa Bibliográfica Pesquisa Documental Entrevista Estruturada	Análise Bibliográfica Análise de Conteúdo
Averiguar a potencialidade de Arapira com finalidade de propor um produto turístico	Entrevista Resultados de Pesquisa	Entrevista Estruturada Embasamento com dados da pesquisa	Análise de Conteúdo Proposta do projeto

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

Para compreender a causa e origem do abandono de povoações, bem como analisar outras cidades fantasma como produto turístico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, principalmente nos conceitos já descritos anteriormente e propostos de *dark tourism* e povoações abandonadas nas obras de Sharpley e Stone (2009) e Razente (2016) respectivamente. Além disso, para corroborar com os principais conceitos acima citados, foi realizado uma busca em meio eletrônico em portais de periódicos como o da CAPES e Google Scholar com a utilização de palavras-chave descritas no QUADRO 6. A partir desta pesquisa, foram selecionados alguns artigos publicados em periódicos que foram selecionados para fazer parte do escopo teórico deste trabalho. Além disso, foi realizado também busca documental de relatos e fotografias em sites como o AltasObscura e DarkTourism, este último de propriedade de Peter Hohenhaus.

QUADRO 6 - LISTA DE ARTIGOS UTILIZADOS

PALAVRA-CHAVE	RESULTADOS	SELECIONADOS
Dark Tourism	16.009	Foley e Lennon, 1996. Lennon, 2017. Podoshen et al, 2015. Smith, 2002. Sun e LV, 2021.
Fright Tourism	290	Bristow, 2020. Bristow, 2005.
Ghost Towns	5.545	Strazdes, 2013.
Motivação	8.970	Todorov e Moreira, 2005.
Touristic Motivation	2.533	Correia et al, 2013.
Bodie	161	Strazdes, 2013.
Centralia	115	Elick, 2011.
Kayakoy History	293	Ozgur et al, 2015.
Chernobyl Tourism	50	Hryhorczuk, 2018.
Hashima Tourism	2	Dixon et al, 2016.
Igatu	1	Andrade, 2008.

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

Para entender mais sobre a motivação por trás do fenômeno do *dark tourism*, foi realizado pesquisa bibliográfica sobre o termo nos campos da psicologia, do turismo e do *dark tourism*. Também foi elaborado um questionário de forma social e subjetiva, ou seja, de caráter qualitativo (VEAL, 2011, p.264) através da plataforma do *Google Forms* que

visará entender as motivações do turista na busca de experiências emocionais e fantásticas, bem como traçar o perfil do respondente. O questionário é compatível com esta pesquisa pois, como Fonseca (2002, p.33) *apud* Gerhard e Silveira (2009, p.39) exemplifica, a “*survey*” pode ser referida como sendo a “obtenção de dados ou informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa”. Esta pesquisa disponibilizada no Apêndice A, foi criada de acordo com critérios de escolhas individuais e direcionada a dois grupos distintos exemplificados no QUADRO 7.

QUADRO 7 - PÚBLICO ALVO PRETENDIDO

PÚBLICO-ALVO	
GRUPO 01 – GERAL	GRUPO 02 – ESPECÍFICO
Amigos, familiares, colegas de trabalho e faculdade, redes sociais.	Pessoas que gostam e consomem conteúdo de entretenimento fantástico e misterioso.

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

Serão duas pesquisas idênticas direcionadas cada uma para um grupo. Dessa forma será possível analisar não somente as motivações e preferências de cada grupo bem como comparar as diferenças entre eles.

O acesso ao primeiro grupo se dará pelo meio de divulgação de forma orgânica através de publicações e compartilhamentos em redes sociais, bem como listas de e-mail. Já para o segundo grupo, por se tratar de um nicho mais específico, foi escolhido a divulgação em um grupo privado de rede social chamado “Mundo Freak Confidencial - Casos Insólitos - Turma do Pacto™” com aproximadamente 5,1 mil membros. Este grupo foi escolhido pois é voltado para desenvolvimento de conteúdo e discussão do *podcast* Mundo Freak Confidencial, cuja temática encaixa-se com o propósito deste trabalho. Para que isso se concretize, foi realizado contato com o apresentador e idealizador do *podcast* Andrei Fernandes, onde em conversa breve e informal foi autorizado a utilização do grupo para divulgação do formulário.

Para o primeiro grupo é esperado respostas que não cheguem ao final do questionário, pois a pergunta “Viajaria para localidades associadas à morte e sofrimento ou aparentemente assombradas e macabras?” caso respondida negativamente encerra o formulário. Por se tratar de um tema sensível, é compreensível que muitos respondentes assinalem a opção não. Entretanto há a possibilidade de respostas completas visto que, apesar da sensibilidade do tema, ele desperta a curiosidade. Já para o segundo grupo é esperado que grande parte chegue ao final do questionário, respondendo as questões mais específicas relacionadas ao *dark tourism* e cidades fantasma.

Já para correlacionar a realidade de Ararapira com os conceitos técnicos de *dark tourism*, foi realizada pesquisa bibliográfica nas obras de Razente (2016) e Sharpley e Stone (2009) e documental no Plano de Manejo do Parque Nacional do Superagui (2020) e no Plano de Manejo da APA de Guaraqueçaba (1995). Com as informações obtidas nos livros e documentos, será possível elaborar um questionário estruturado em forma de entrevista que será direcionado chefia do NGI Antonina-Guaraqueçaba. Com base nas respostas obtidas, será possível correlacionar com os conceitos apresentados e observar as implicações ambientais e turísticas da região.

Por fim, o objetivo de averiguar a potencialidade de Ararapira com finalidade de se propor um produto turístico temático ao *dark tourism*, será alcançado com os resultados finais deste trabalho, juntamente com as respostas da entrevista citada acima. Dessa forma será possível constatar se é possível promover Ararapira como Bristow (2005) exemplifica, criando uma narrativa fantástica e misteriosa na destinação. Caso positivo, em concordância às observações ambientais e turísticas da região será proposto um produto turístico em Ararapira cuja finalidade será integrar e aproveitar os fluxos da região e preservar a história e memória local.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Em concordância com a metodologia utilizada e descrita anteriormente, esta seção irá abordar os resultados das pesquisas realizadas por meio do questionário respondido pela plataforma do Google Forms e pela entrevista realizada com o Analista Ambiental do ICMBio responsável pelo NGI Antonina-Guaraqueçaba, que atua com questões que envolvem o Parque Nacional do Superagui e a Área de Proteção Ambiental, local onde o povoado de Ararapira está situado. Para concluir, será apresentado também a discussão dos resultados obtidos.

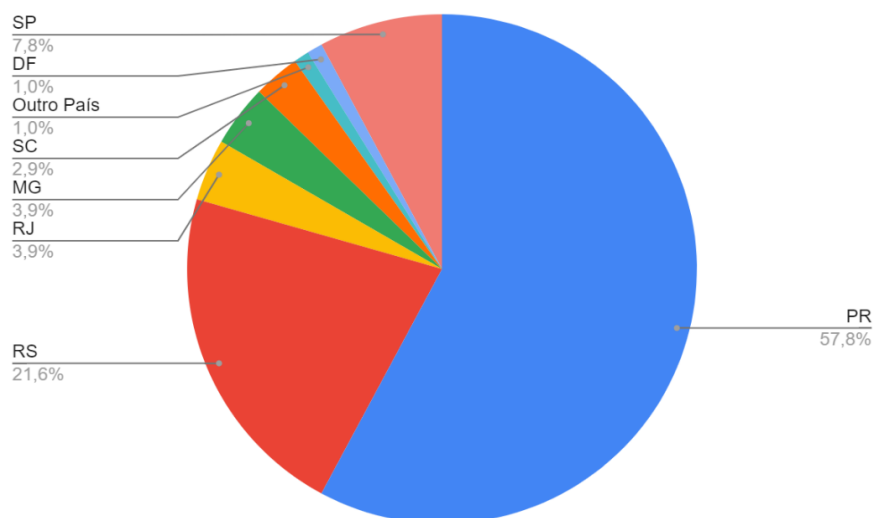
4.1 QUESTIONARIO SOBRE PERFIL E MOTIVAÇÕES (SURVEY)

Para compreender o perfil do turista e as motivações relacionadas ao *dark tourism* e à visitação às povoações abandonadas, foi aplicado o questionário em forma de *survey online* (APÊNDICE A) através da plataforma Google Forms, com critérios de escolha subjetiva sobre questões socioeconômicas, hábitos de viagem, motivações, interesses e reflexões sobre *dark tourism*. Como citado anteriormente, este questionário foi dividido em duas partes, visando separar as respostas entre o público geral e o público específico que de alguma forma gostam do tema ou se interessam sobre. As perguntas foram fundamentadas em conceitos utilizados em pesquisas de turismo e na bibliografia apresentada. Foram utilizados como meios de divulgação da pesquisa as redes sociais e divulgação direta para amigos e familiares.

Para fins de análise geral, os dados desta divisão foram unificados e analisados como um todo. Foram obtidas um total de 102 respostas, onde 100% dos respondentes concordaram com os termos e responderam por livre e espontânea vontade.

Iniciando pela análise estatística e socioeconômica, as respostas partiram de pessoas de diversos estados do Brasil e do exterior. Um total de 57,8% das respostas veio do estado do Paraná, seguido por Rio Grande do Sul com 21,6%, São Paulo com 7,8% e demais localidades com menos de 5% conforme GRÁFICO 1.

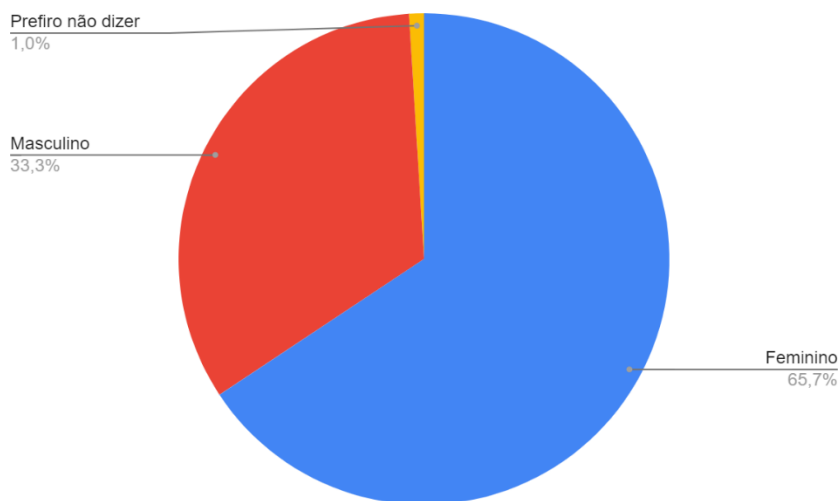
GRÁFICO 1 - QUAL ESTADO VOCÊ MORA?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Do total de respondentes, 65,7% foram do sexo feminino, 33,3% do masculino e 1% preferiu não se identificar, conforme GRÁFICO 2.

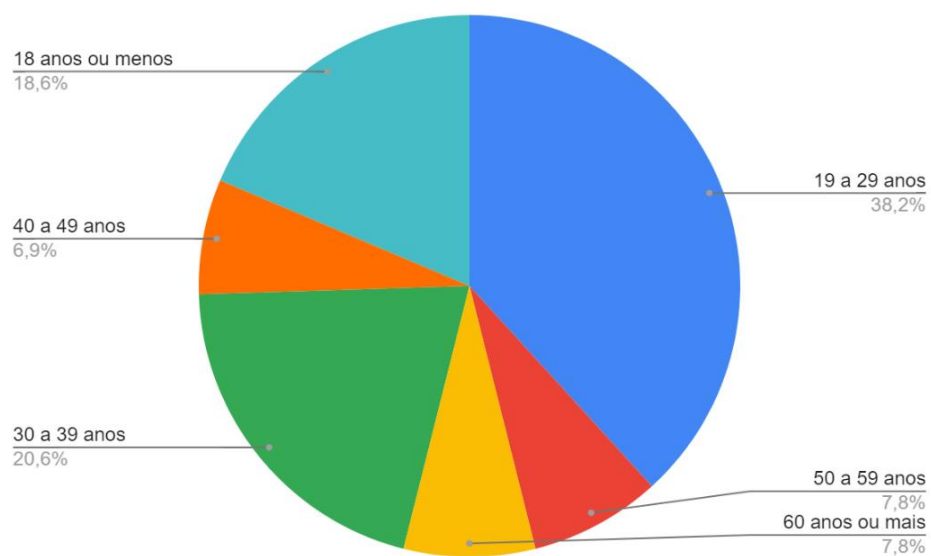
GRÁFICO 2 – QUAL SEU SEXO?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

A faixa etária com maior número de respondentes foi 19 a 29 anos, com um total de 38,2%, seguido por 30 a 39 com 20,6%, 18 ou menos com 18,6% e demais faixas etárias com menos de 10%, conforme GRÁFICO 3.

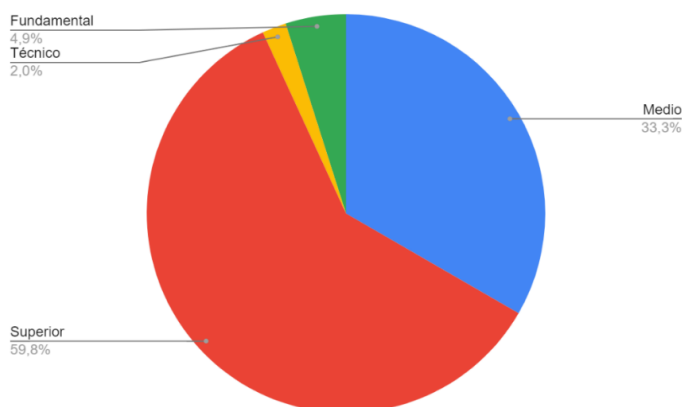
GRÁFICO 3 - QUAL SUA FAIXA ETÁRIA?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Dentre os respondentes, 59,8% possuem ensino superior, 33,3% com até o ensino médio, 4,9% com até o ensino fundamental e 2% com ensino técnico, conforme GRÁFICO 4.

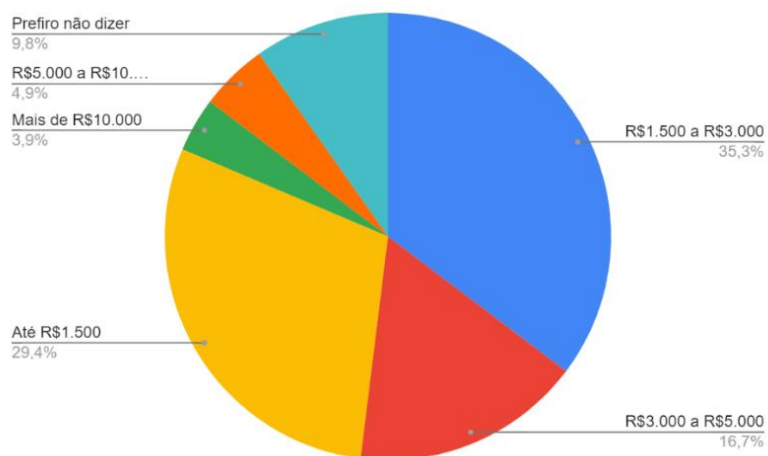
GRÁFICO 4 – QUAL É SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

A faixa de renda dos respondentes dividiu-se em 35,3% com R\$ 1500 a R\$ 3000, 29,4% com até R\$ 1500, 16,7% com R\$ 3000 a 5000, 4,9% com R\$ 5000 a 10000 e 4,9% preferiu não informar, conforme GRÁFICO 5.

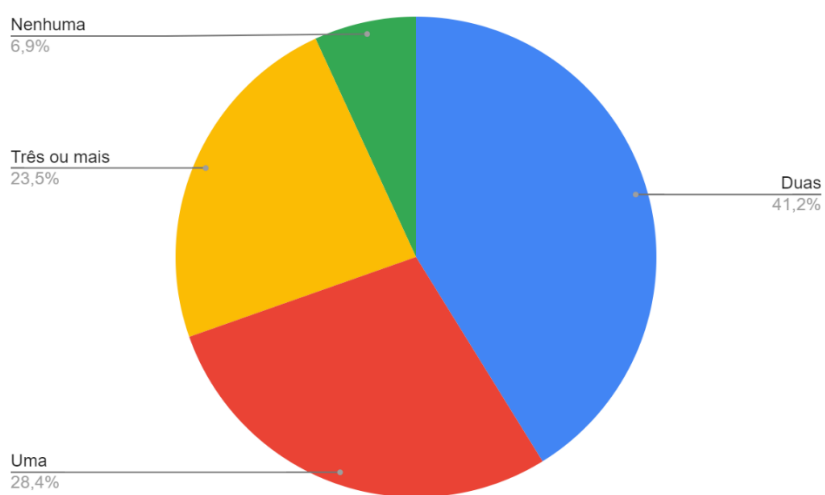
GRÁFICO 5 – QUAL SUA FAIXA DE RENDA



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre os hábitos de viagens, 42% respondeu que realiza pelo menos duas viagens ao ano, 29% pelo menos uma, 24% três ou mais e 7% nenhuma, conforme GRÁFICO 6. Importante ressaltar que esta essa pergunta levou em consideração um período normal, excluindo-se o período atual e excepcional causado pela pandemia de COVID-19.

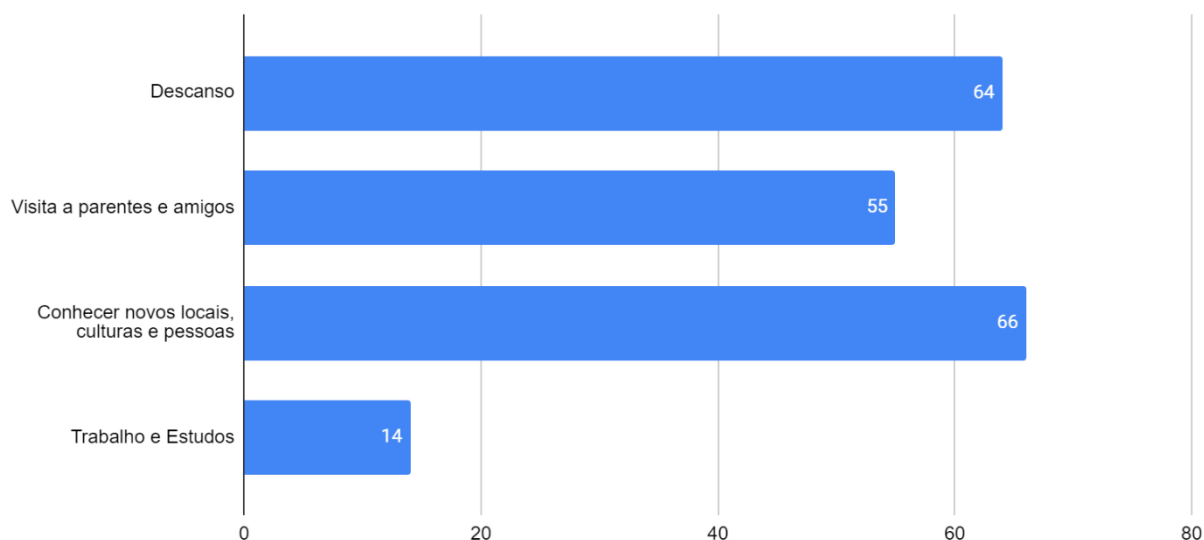
GRÁFICO 6 - QUANTAS VIAGENS VOCÊ COSTUMA REALIZAR POR ANO? (EXCLUINDO-SE O PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19)



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre a motivação das viagens, o respondente poderia marcar mais de uma opção, sendo assim, as respostas se distribuíram em todas as alternativas sendo conhecer novos locais, culturas e pessoas com 66 respostas (33,1%), seguido de descanso com 64 (32,1%), depois visita a parentes e amigos com 55 (27,6%) e trabalho e estudos com 14 (7,2%)

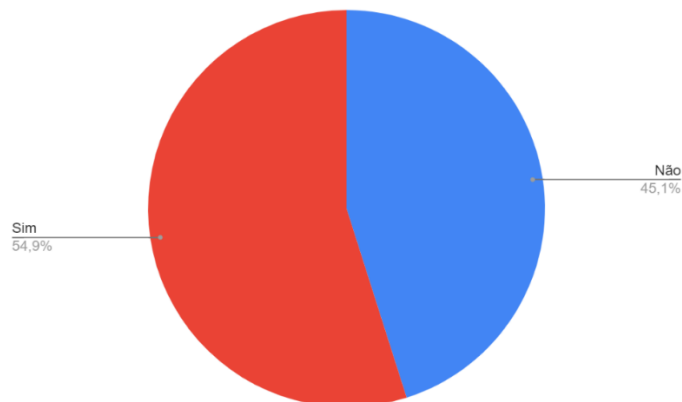
GRÁFICO 7 - QUAIS SÃO AS SUAS MOTIVAÇÕES PARA REALIZAR SUAS VIAGENS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

A pergunta seguinte “Viajaria para localidades associadas à morte ou sofrimento ou aparentemente assombradas e macabras?” pode ser considerada o primeiro ponto de divergência entre os respondentes. Ao responder “não”, a pesquisa se encerra. Ao responder “sim”, ela prossegue com mais algumas perguntas relacionadas ao *dark tourism*. Importante ressaltar que, com essa pergunta, ao se dividirem os questionários nos dois grupos anteriormente citados, observou-se que praticamente metade (49,4%) dos turistas convencionais tem interesse em visitar locais associados à morte ou sofrimento ou aparentemente assombrados. Já o grupo específico que gosta ou consome conteúdos relacionados a temáticas fantásticas, 86% diz que viajaria a esses locais. Ao considerar o somatório dos dois grupos, 54 % dos respondentes responderam que possuem interesse em visitar localidades associadas à morte ou sofrimento ou aparentemente macabras e 46% declararam não ter interesse neste tipo de viagem, conforme GRÁFICO 8.

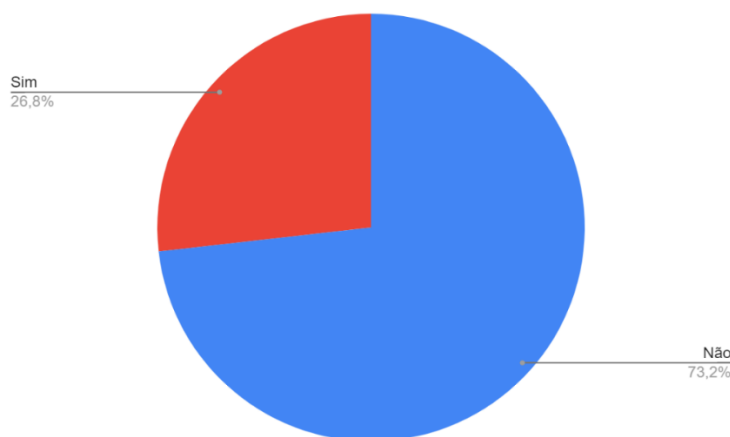
GRÁFICO 8 - VIAJARIA PARA LOCALIDADES ASSOCIADAS À MORTE OU SOFRIMENTO OU APARENTEMENTE ASSOMBRADAS E MACABRAS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

A partir daqui os resultados seguintes terão como referência o número de respostas positivas da pergunta anterior, totalizando 56 em números absolutos. Partindo disso, 73,8% dos respondentes afirmou que nunca visitou algum local relacionado ao *dark tourism*, enquanto 26,8% afirmou que já visitou, conforme GRÁFICO 9.

GRÁFICO 9 - VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM LUGAR DENTRO DO SEGMENTO DO DARK TOURISM? (EX: LOCAIS ABANDONADOS, LOCAIS DOTADOS DE LENDAS E SUPERSTIÇÕES SOBRENATURAIS, LOCAIS DE CRIMES E GUERRAS, LOCAIS ASSOCIADOS À MORTE E SOFRIMENTO, ETC)



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Dos que responderam sim para a pergunta anterior, 13 pessoas responderam com mais detalhamento conforme QUADRO 8, citando 27 localidades diferentes sendo uma delas (Alcatraz, California, EUA) citada duas vezes.

QUADRO 8 – EXEMPLOS DE LOCAIS VISITADOS PELOS RESPONDENTES

Jerome, Arizona – EUA
Alcatraz, California – EUA (2 citações)
Casa que Stephen King escreveu o livro O Iluminado em Denver, Colorado – EUA
Antigo Presídio do Ahú em Curitiba – PR Capela dos Ossos em Faro - Portugal
Memorial de Shoah em Paris - França. Grammichele - Itália. Pompeia - Itália. Vulcão Etna, Catania - Itália.
Campo de Concentração Sachsenhausen, Berlim - Alemanha Anne Frank House, Amsterdam - Holanda House of Terror, Budapeste – Hungria Memento Park, Budapeste - Hungria
Memorial aos Judeus Mortos da Europa - Alemanha Museu Judaico de Berlim - Alemanha
Ouro Preto - MG Bom Despacho - MG
Auschwitz - Polônia Monumentos de guerra da Europa.
Paranapiacaba em Santo André - SP
Cemitérios em diversas cidades. Fazenda Coqueiros em Bananal - SP
Presídio abandonado na Ilha Anchieta - SP Forte Orange em Itamaracá – PE Ouro Preto - MG Serra da Canastra – MG Naufrágio do Rosalina em Abrolhos - BA

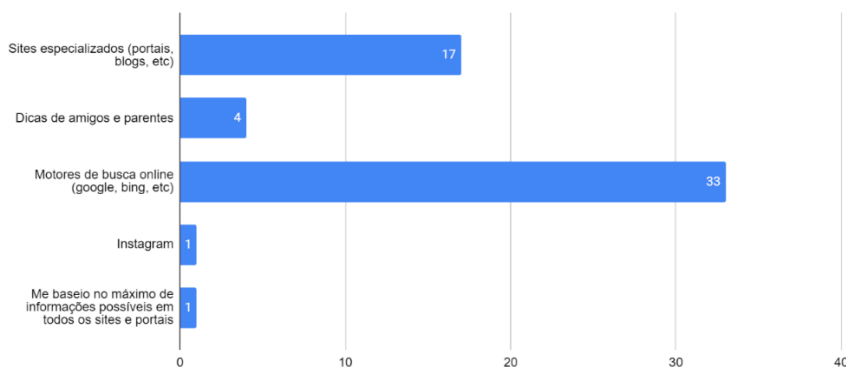
FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

As próximas cinco perguntas, estão relacionadas às viagens realizadas ou à intenção de realizar viagens relacionadas ao *dark tourism*.

Sobre o meio de busca de informações relacionadas ao tema, as respostas foram em números absolutos: 33 através de motores de busca online (59%), 17 em sites

especializados (30,3%), 4 através de dicas de amigos e parentes (7,1%), 1 no Instagram (1,8%) e 1 em todas as anteriores (1,8%), conforme GRÁFICO 10.

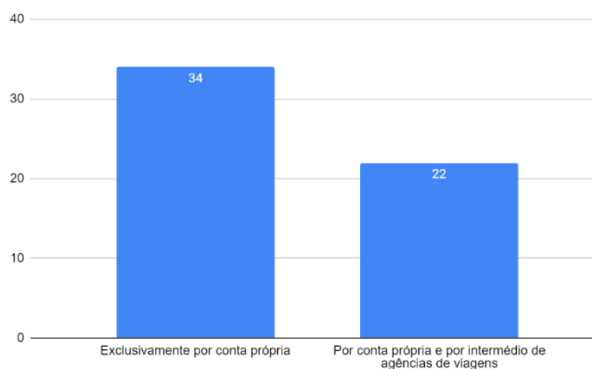
GRÁFICO 10 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, COMO VOCÊ BUSCA INFORMAÇÕES SOBRE OS LOCAIS E DESTINOS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Já o método de organização das viagens ficou definido, em números absolutos, por 34 pessoas respondendo que organizam suas viagens exclusivamente por conta própria (61%) e 22 por conta própria e intermédio de agência de viagens (39%). Ninguém respondeu que planeja sua viagem exclusivamente através de agências de viagens, conforme GRÁFICO 11.

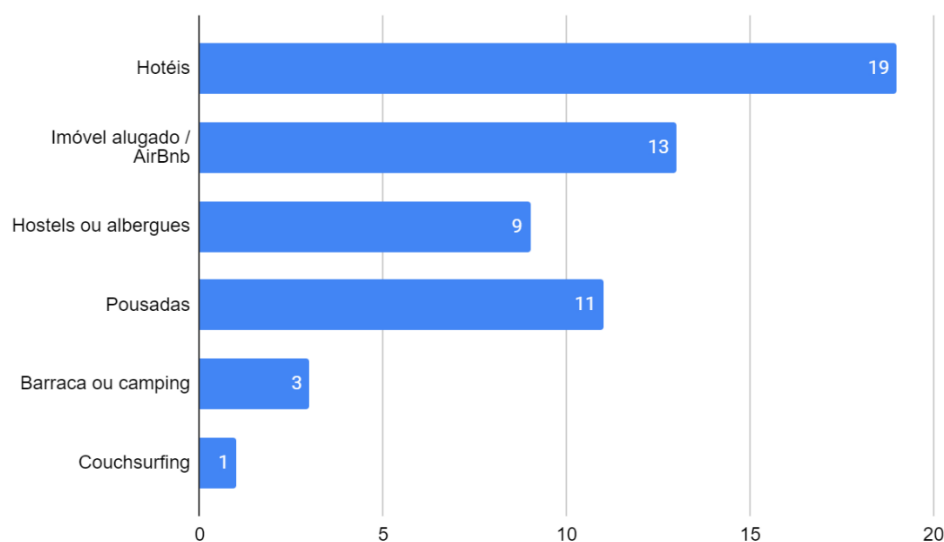
GRÁFICO 11 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, COMO VOCÊ ORGANIZA SUAS VIAGENS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre o meio de hospedagem de preferência, em números absolutos, 19 responderam que preferem hotéis (34%), 13 preferem alugar imóvel ou utilizar-se da plataforma AirBnb (23%), 11 preferem pousadas (20%), 9 preferem *hostels* e albergues (16%), 3 preferem barracas ou camping (5,2%) e 1 prefere *couchsurfing* (1,8%), conforme GRÁFICO 12.

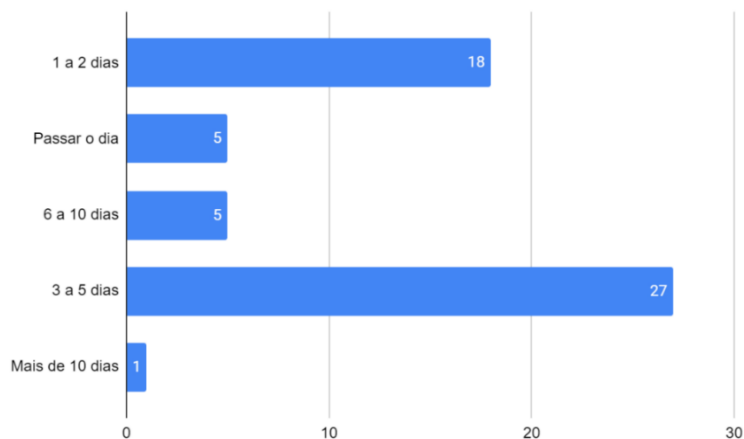
GRÁFICO 12 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É O MEIO DE HOSPEDAGEM QUE PREFERE UTILIZAR NAS VIAGENS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre o tempo médio de permanência, em números absolutos, 27 respondentes preferem passar de 3 a 5 dias (48,2%), 18 preferem ficar de 1 a 2 dias (32%), 5 preferem passar somente 1 dia (9%), 5 preferem passar de 6 a 10 dias (9%) e apenas 1 prefere passar mais de 10 dias (1,8%), conforme GRÁFICO 13.

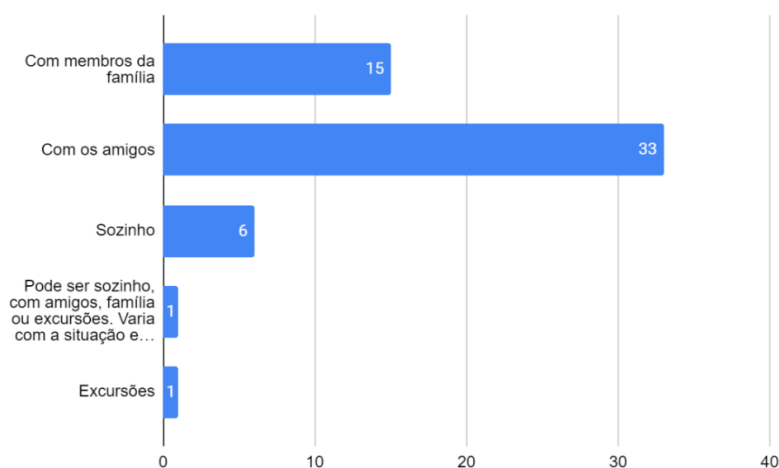
GRÁFICO 13 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É O TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA IDEAL PARA SUAS VIAGENS?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre a forma que realiza ou pretende viajar, em números absolutos, 33 preferem viajar com os amigos (58,9%), 15 com membros da família (26,8%), 6 sozinhos (10,7%), 1 respondeu que varia de acordo com a situação (1,8%) e 1 prefere optar por excursões (1,8%), conforme GRÁFICO 14.

GRÁFICO 14 - CASO TENHA VISITADO OU TENHA A INTENÇÃO DE VISITAR UM DESTINO DE DARK TOURISM, QUAL É A FORMA QUE REALIZA SUAS VIAGENS?

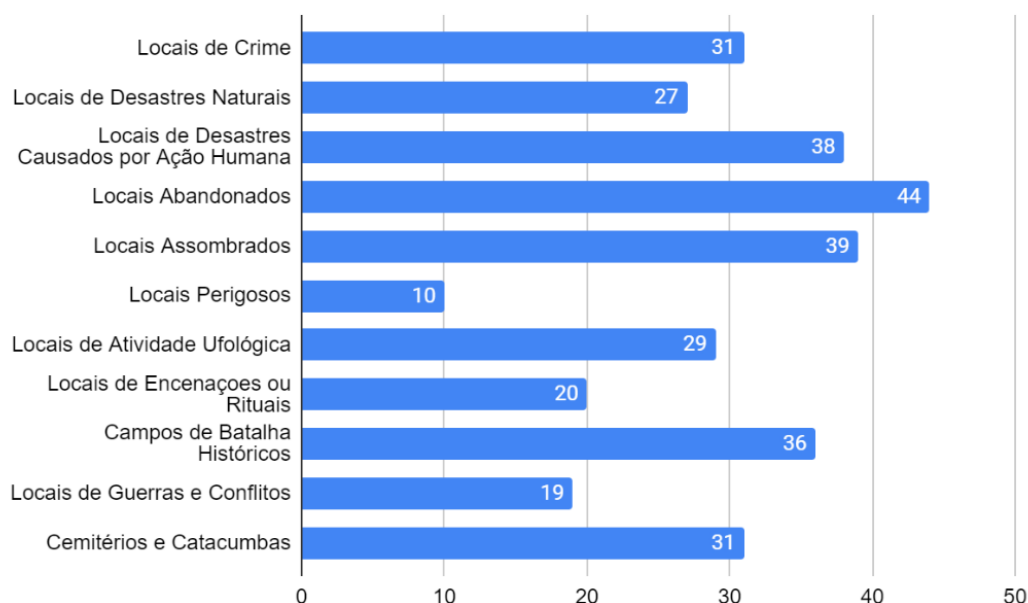


FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

As próximas 6 perguntas são relacionadas ao conceito do *dark tourism* e suas interações.

Sobre os segmentos do *dark tourism*, o respondente pôde escolher mais de uma opção resultando em: 44 respostas em locais abandonados (13,6%), 39 em locais potencialmente assombrados (12%), 38 em locais de desastre causado por ação humana (11,7%), 36 em campos de batalha históricos (11,1%), 31 em locais de crime (9,6%), 31 em cemitérios e catacumbas (9,6%), 29 em locais com atividade ufológica (8,9%), 27 em locais de desastres naturais (8,3%), 20 em locais de encenações ou rituais (6,2%), 19 em locais de guerras e conflitos ativos (5,9%) e 10 em locais perigosos (3,1%), conforme GRÁFICO 15.

GRÁFICO 15 - QUAIS DOS SEGUINTE SEGMENTOS DO DARK TOURISM MAIS LHE INTERESSA?

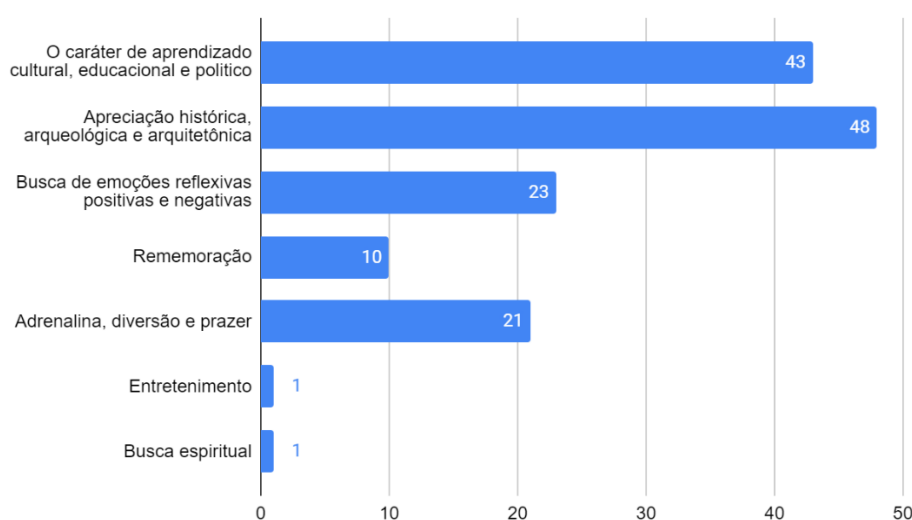


FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Com base na pergunta anterior, foi perguntado qual era a motivação a visitar esse tipo de lugar. Novamente, o respondente pôde selecionar mais de uma opção resultando nas seguintes respostas, em números absolutos: 48 vezes a questão patrimonial da história, arqueologia e arquitetura foi selecionada (32,6%), 43 vezes para a contribuição

para o aprendizado cultural, educacional e político (29,2%), 23 vezes para as emoções reflexivas (15,6%), 21 para a busca de adrenalina, diversão e prazer (14,4%), 10 para a rememoração (6,8%), 1 para o entretenimento (0,7%) e 1 para a busca espiritual (0,7%), conforme GRÁFICO 16.

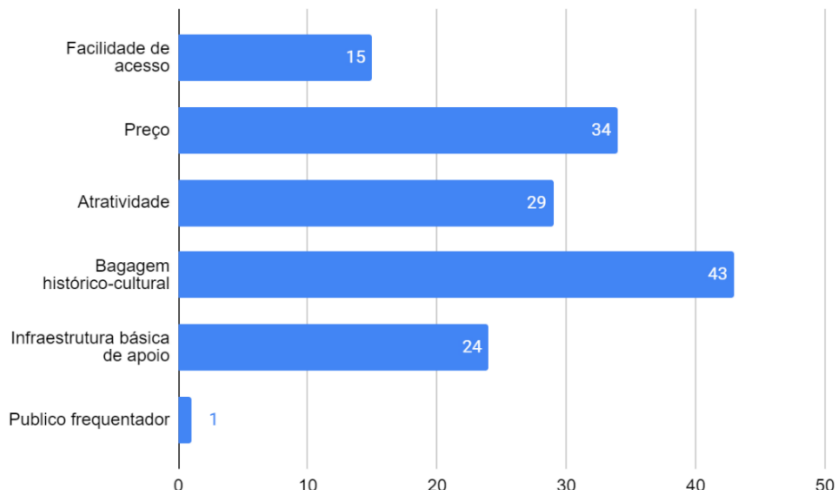
GRÁFICO 16 - COM BASE NA PERGUNTA ANTERIOR, O QUE TE MOTIVA A VISITAR ESTES LUGARES?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Sobre os aspectos de maior importância ao se realizar viagens a esses locais, o respondente pôde selecionar mais de uma opção, que resultou, em números absolutos as seguintes respostas: 43 vezes a alternativa bagagem histórico-cultural foi selecionada (29,4%), 34 vezes para o preço (23,3%), 29 vezes para a atratividade do local (19,9%), 24 para a infraestrutura básica de apoio (16,4%), 15 para a facilidade de acesso (10,3%) e apenas 1 para o tipo de público que frequenta o local (0,7%), conforme GRÁFICO 17.

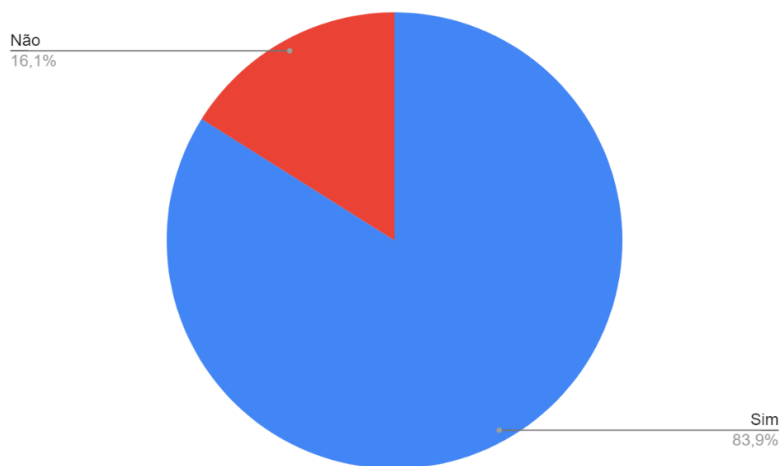
GRÁFICO 17 - O QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE AO SE VISITAR LOCALIDADES COMO ESTAS CITADAS ANTERIORMENTE?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Ao se indagar mais especificamente sobre a visitação a localidades consideradas abandonadas, isoladas e de difícil acesso, 83,9% dos respondentes respondeu que visitaria, enquanto 16,1% respondeu que não, conforme GRÁFICO 18.

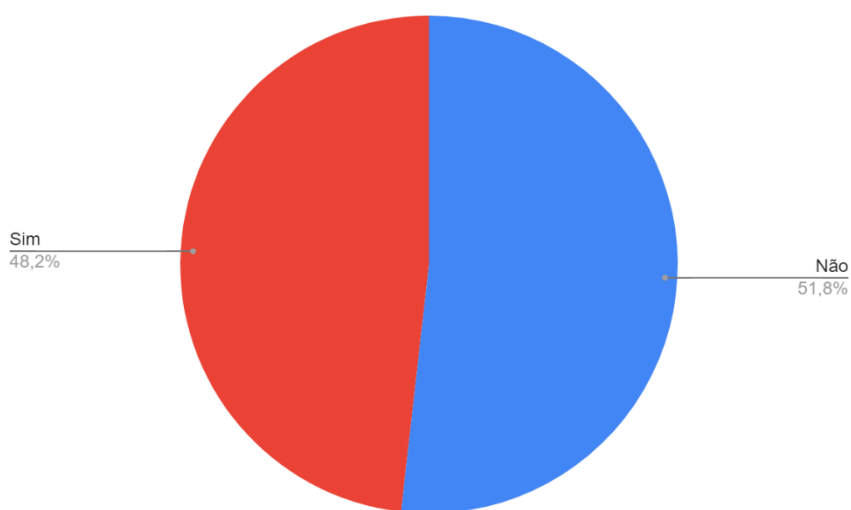
GRÁFICO 18 - VOCÊ REALIZARIA UMA VIAGEM COM O OBJETIVO DE VISITAR UM LOCAL CONSIDERADO ABANDONADO, ISOLADO E DE DIFÍCIL ACESSO? (ACESSO SOMENTE POR ESTRADA DE TERRA OU BARCO?)



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Já ao perguntar sobre a existência de um problema ético ou moral ao se explorar turisticamente locais associados à morte ou sofrimento alheio, as respostas se dividiram entre 48,2% respondendo que sim e 51,8% respondendo que não, conforme GRÁFICO 19.

GRÁFICO 19 - VOCÊ ACREDITA QUE EXISTE UM PROBLEMA ÉTICO EM EXPLORAR TURISTICAMENTE LOCAIS ASSOCIADOS À MORTE E AO SOFRIMENTO ALHEIO?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Como justificativa para a resposta anterior, 16 pessoas expuseram seu ponto de vista em relação ao tema de acordo com o QUADRO 9 abaixo.

QUADRO 9 – JUSTIFICATIVAS DOS RESPONDENTES

Acho problemático explorar por dinheiro algo que representa o sofrimento de sobreviventes e famílias e amigos de mortos, ao mesmo tempo que com o trabalho de conscientização certo existe um aprendizado para que participa dos passeios. Creio que dependa muito da intenção do turista e de quem vá trabalhar na área.
O turismo não irá diminuir o sofrimento ocorrido no local e pode servir como reflexão para outras pessoas.
Acredito que visitar locais como esses pode ajudar o turista a interpretar melhor os eventos ocorridos, causando reflexão e compaixão.
Devemos aprender com a história para não a repetir.

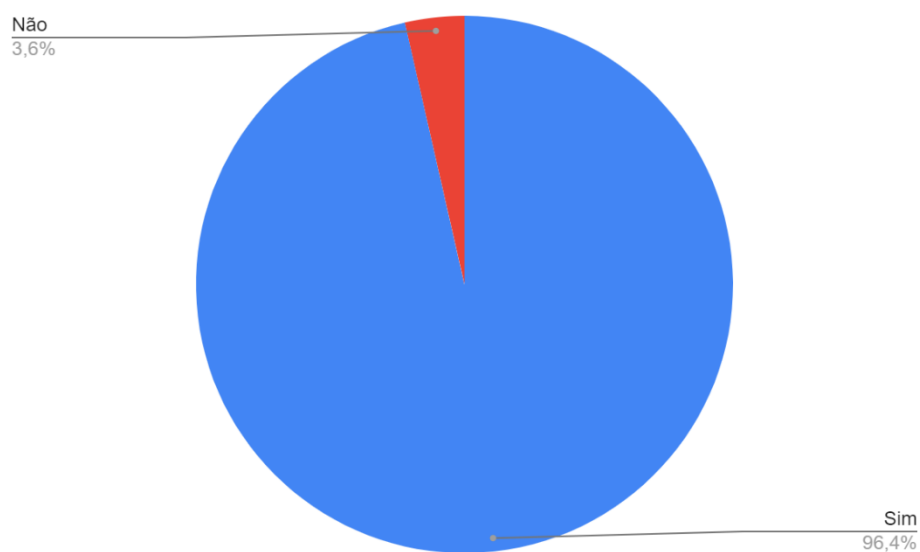
Acho que a motivação pode se dar por diversas variantes, seja ela pela bagagem histórica, seja por pura curiosidade ou prazer pelo "perigo" e macabro. Independente do motivo, se o local souber explorar o segmento e conseguir beneficiar a comunidade autóctone com o desenvolvimento da atividade, não vejo razão pela qual a visitação tenha um conflito ético.
Acredito que são apenas lugares com histórias tenebrosas, e nós, os visitantes, somos apenas turistas breves deste lugar. Acredito que seja bastante importante não levar lembranças físicas destes lugares também, mas já entra no mérito de crença.
Não acho que visitar esses locais seja errado, mas acho errado a exposição disso na internet como se fosse um local de grande prestígio.
Acho que depende da forma como o turismo é explorado e qual a situação específica. Pessoalmente não visitaria lugares relacionados à massacres ou mortes e similares, porque não sei o que extrairia culturalmente ou moralmente disso. Agora locais relacionados a práticas religiosas, assombrações e atividade ufológica consigo enxergar um motivo cultural, religioso e afim.
Pode haver problema ético em se comercializar/espetacularizar o sofrimento de populações ou etnias.
É importante que o formato da experiência ressalte justamente um aprendizado e reflexão acerca da ética desses eventos, de forma educacional. Não somente uma exploração financeira que acabe por ter um impacto negativo nas vítimas. Museu do holocausto em Curitiba é um bom exemplo, turismo de camburão em favela é um mau exemplo. Adicionalmente, parte dos lucros devem ser revertidos para causas que auxiliem na missão de ajudar as vítimas.
O turismo tem o potencial de manter a história viva para que não se repita.
Locais assim podem trazer muito aprendizado. É história, as pessoas fazerem isso turismo de lazer é o problema.
Acredito que visitar locais associados a sofrimento alheio, como Memorial do Holocausto, pode ser problema quando desumanizamos o sofrimento daquelas pessoas em prol do nosso próprio prazer
Muitas pessoas acham mórbido e têm preconceito com quem tem interesse por esse tipo de turismo.
Sim, se se resumir a ganhar dinheiro, é claro que há um problema ético grave. Mas, se o turismo ajudar a educar a sensibilizar as pessoas, creio que se torna uma atividade extremamente válida e justificada (e claro, isso pode estar associado ao prazer de viajar, aprender, se aventurar e conhecer outras pessoas).
Depende do tipo de local, do tipo de crime/sofrimento e do tempo decorrido desde o acontecimento.

FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

Por fim, quando se perguntou sobre acreditar ser válido explorar turisticamente localidades abandonadas com objetivo de preservar a história e memória local aliado a

geração de renda, 96,4% dos respondentes disseram ser favoráveis a esta prática, enquanto 3,6% disseram ser contrários, conforme GRÁFICO 20.

GRÁFICO 20 - VOCÊ ACHA VÁLIDO EXPLORAR TURISTICAMENTE LOCALIDADES ABANDONADAS COM OBJETIVO DE PRESERVAR A HISTÓRIA E MEMÓRIA LOCAL ALIADO A GERAÇÃO DE RENDA?



FONTE: Google Forms. Organizado pelo autor. (2021)

4.2 CONVERSA COM GESTOR DO ICMBIO

Durante as leituras e pesquisas, viu-se necessário a inclusão de informações ambientais relacionadas ao Parque Nacional do Superagui, área de proteção ambiental onde o povoado abandonado de Ararapira está inserido. Dessa forma, foi enviado um e-mail para a chefia do NGI Antonina-Guaraqueçaba. No corpo do e-mail foi apresentado a identificação do autor, a temática do trabalho, o objeto de pesquisa e uma sugestão de reunião digital para realizar a entrevista.

Em resposta ao e-mail, o Sr. Wagner Cardoso se apresentou e explicou que atualmente é ele quem coordena as ações do NGI Antonina-Guaraqueçaba e que por uma questão de tempo, era mais fácil e rápido enviar as perguntas da entrevista em forma escrita para que ele pudesse respondê-las assim que possível. As perguntas e respostas podem ser encontradas no ANEXOB.

De acordo com o Sr. Wagner Cardoso, atualmente a Unidade de Conservação conta com um déficit de infraestrutura e de recursos humanos e por conta disso não é possível fazer o controle de entrada dos turistas que visitam a região, sejam eles advindos de Guaraqueçaba ou da parte mais ao norte através de Cananéia SP. Ao perguntar mais especificamente sobre a possibilidade de criação de um produto turístico que envolva a região, foi respondido sucintamente que existe esta possibilidade. Partindo disso, foi explicado que os pontos positivos desse produto turístico podem ser a sensibilização do turista para a preservação do PNS e a valorização do patrimônio histórico-cultural. Já os negativos, o Sr. Wagner cita que os pontos negativos seriam os impactos ambientais como produção de lixo e o desrespeito para com a comunidade autóctone. Ainda responde que acredita que a população local vê o turismo de forma positiva como uma possibilidade de emprego e renda extra.

Ao se perguntar sobre a visão da população local para exploração do povoado abandonado de Ararapira como um local dotado de uma narrativa fantástica, Wagner comentou que esse tipo de questão deve ser conversado e acordado previamente com os moradores e ex-moradores locais. Ainda comenta sobre a presença de pelo menos 3

famílias na região da Barra do Ararapira (diferente de como é mencionado no plano de manejo como Velha Ararapira).

Sobre as normas de visitação do PNS e restrições ambientais, foi sugerido a consulta ao Plano de Manejo para que visitantes e operadores turísticos possam desenvolver suas atividades de forma responsável. Os planos e projetos também podem ser encontrados no Plano de Manejo.

Ao perguntar sobre questões de segurança da região, foi explicado que existem vários tipos de riscos envolvidos como a presença de animais peçonhentos, de se perder em meio a mata, fatores climáticos e fatores humanos. E que para auxiliar na segurança do local, os agentes ambientais do ICMBio podem contar com a ajuda do Batalhão da Polícia Ambiental – Força Verde.

Por fim, ao questionar sobre a ação da erosão da costa causada pela abertura do Canal do Varadouro, foi explicado que ela vem ocorrendo paulatinamente e que em tese não há meios para frear a erosão causada pelo movimento das marés no local.

4.3 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados anteriormente, divididos entre questionário e entrevista, trouxeram informações relevantes para o prosseguimento da pesquisa. Dessa forma foi possível realizar a interpretação e análise dos resultados que serão apresentados a seguir.

4.3.1 Questionário

O questionário online trouxe diversas informações a respeito dos hábitos de turismo do público alvo. Apesar de praticamente metade dos respondentes não terem interesse em visitar localidades associadas à morte e sofrimento ou aparentemente assombradas e macabras, foi possível perceber que existe um nicho de praticantes ou potenciais praticantes do *dark tourism*. Isso deve-se principalmente a curiosidade mórbida como anteriormente apontado por Rojek (1997) *apud* Sharpley e Stone (2009,

I.312) e também a busca pelo o que Cave e Buda (2018) apud. Sun e Lv (2021, p.2) definiram como “souvenires emocionais”. Portanto, de acordo com as informações obtidas nos questionários, é possível perceber que há uma motivação pelo desconhecido e o imaginário da descoberta de lugares abandonados e desabitados por questões históricas e sociais.

Além disso, os resultados sobre a motivação turística demonstram que abordagem histórica, arqueológica e arquitetônica é de extrema relevância nos destinos de *dark tourism* (32,6%). Já os resultados sobre os segmentos do *dark tourism*, nos mostram que os maiores interesses são os locais abandonados (13,6%), os locais assombrados (12%) e os locais de desastres causados por ação humana (11,7%). Ou seja, as respostas corroboram com o crescimento do turismo cultural e patrimonial. (HOLLINSHEAD, 1993; HUGHES E ALLEN, 2005; NURYANTI, 1996; APUD. CORREIA ET AL. 2013, P.414). Ainda, as respostas sobre os exemplos de locais visitados reafirmam a questão da motivação através da história. Diversos relatos dos respondentes contemplam localidades dotadas de significância emocional e histórica, como os campos de concentração, memoriais e monumentos de guerra e cemitérios. Importante notar as localidades citadas como Jerome, Pompeia e Paranapiacaba se correlacionam com as cidades citadas no referencial teórico, pois possuem características comuns de povoação abandonada ou de ruínas.

Já sobre os resultados dos aspectos mais importante de um destino de *dark tourism*, é notório perceber que os elementos histórico-cultural (29,4%) e preço (23,3%) são determinantes na escolha. Apesar de uma grande parte desses destinos se localizarem em locais de difícil acesso, a facilidade de acesso (10,3%) foi uma das opções menos assinaladas pelos respondentes. De certa forma, a experiência em se chegar em um local de difícil acesso está relacionada com os fatores externos e cognitivos como a paisagem e o clima e fazem parte do processo de construção da motivação turística, como anteriormente citado por Yoon e Uysal (2005) apud. Correia et al. (2013, p.413).

Sobre a questão ética e moral em se explorar turisticamente locais de *dark tourism*, as respostas ficaram praticamente divididas. As justificativas, de acordo com os respondentes, focam quase que exclusivamente no caráter educacional e com grandes

críticas na promoção inadequada e na interação desrespeitosa. Apesar disso, 96% dos respondentes acreditam não haver problemas em explorar turisticamente com o intuito de preservação histórica e patrimonial, aliada a geração de renda. Dessa forma é importante observar que isso reafirma o que Sharpley e Stone (2009, l.235) apontam como os grandes desafios na gestão, na interpretação e promoção adequada de locais de *dark tourism*.

De um modo geral, as respostas obtidas pelo questionário online ocorreram conforme o planejado nos procedimentos metodológicos e propiciaram mais clareza nas questões relacionadas ao *dark tourism*, à motivação e aos hábitos de turismo. De acordo com as respostas o perfil médio do turista que procura ou pratica o *dark tourism* organiza suas viagens e obtém informações por conta própria, prefere se hospedar em hotéis, pousadas e imóveis alugados, permanece nos locais cerca de 3 a 5 dias, prefere viajar com amigos ou membros da família e são motivados pela apreciação histórica, arqueológica e arquitetônica, bem como pelo caráter educacional.

4.3.2 Entrevista

A entrevista com o Analista Ambiental do ICMBio, trouxe algumas informações pertinentes a respeito do objeto de estudo deste trabalho. Entretanto, apesar de ser uma entrevista, as respostas foram um pouco impessoais.

Ainda assim, a confirmação por parte do entrevistado de se criar um produto turístico sustentável na região valida a pesquisa feita durante este trabalho e contribuirá para a apresentação da proposta na próxima seção.

Apesar de o Plano de Manejo ICMBio (2020) definir que o PNS possui um programa de gestão que prioriza o ordenamento da visitação, controlando a entrada sem cobrança de nenhum tipo de taxa, o entrevistado afirma que atualmente não existe nenhum tipo de controle de entrada de visitantes na UC.

Importante salientar que houve um desencontro de informações no que se diz a respeito do povoado de Ararapira, (Velha Ararapira como mencionado no plano de Manejo) e Barra do Ararapira. Ao apresentar o objeto de estudo como sendo o povoado

abandonado de Ararapira, o entrevistado se refere à Barra do Ararapira, onde ainda existe ocupação humana e práticas de turismo.

Já sobre a visão da população local para exploração de Ararapira como um local dotado de uma narrativa fantástica, o Plano de Manejo (2020) informa que os antigos moradores da região têm certa resistência com a identificação sensacionalista do local. O entrevistado comenta que essa questão necessita ser acordada entre a população local.

Sobre normas e restrições ambientais e os planos e projetos da região, o entrevistado indicou a consulta ao Plano de Manejo (2020). Desta forma, entende-se que as atividades atuais e futuras na região são possíveis desde que respeitem as normas das diversas Zonas de Uso, conforme consta no marco teórico deste trabalho. O entrevistado aponta que a valorização do patrimônio histórico-cultural pode ser um ponto positivo ao se criar um produto na região. Ou seja, pode-se observar que esta posição está alinhada à preferência dos respondentes no questionário e se respalda no que Hollinshead, (1993); Hughes e Allen, (2005); Nuryanti, (1996); apud. Correia et al. (2013, P.414) afirmam sobre o crescimento de turistas que procuram este tipo de turismo.

Por fim, sobre a questão do processo de erosão, o entrevistado afirmou que em tese não há meios de frear ou parar a erosão. Cristo (2010), em sua reportagem, afirma que o assunto já foi pauta de mobilização por parte de deputados estaduais na época, porém sem qualquer tipo de resposta por parte do governo estadual. Como Razente (2016) comenta, o processo de erosão causado pela abertura do canal do varadouro foi um dos motivos que ocasionou o abandono do povoado pela população. E talvez a continuidade dele possa acabar definitivamente com o que restou das edificações do povoado.

Em observância com os dados obtidos na pesquisa e na entrevista, é possível notar que as motivações e preferências dos potenciais turistas e as possibilidades de concepção turística no povoado abandonado de Ararapira permitem a elaboração de uma proposta de projeto que buscará difundir o conhecimento e prática do *dark tourism*, incentivar as populações locais a desenvolver o turismo na região e promover o povoado

abandonado de Ararapira como um local dotado de significância histórica e cultural, utilizando-se da temática *dark tourism* para alavancar sua visibilidade.

5 PROPOSTA DE PROJETO

Após toda pesquisa até então realizada e com as informações pertinentes obtidas através da pesquisa bibliográfica e dos dados obtidos no formulário e na entrevista, apresenta-se uma proposta que se constitui na elaboração de uma cartilha que reunirá informações sobre o *dark tourism*, sobre o povoado abandonado de Ararapira, sobre o turista potencial e sobre formas de desenvolvimento do turismo com foco na preservação do patrimônio natural e histórico. Dessa forma, pretende-se atingir como público alvo os turistas convencionais que não tem conhecimento do que é *dark tourism*, os turistas específicos que possuem conhecimento do *dark tourism* e não tem conhecimento de Ararapira, a população originária que poderá contar com uma forma de desenvolver o turismo, os gestores da iniciativa pública e da privada.

Para isso, serão apresentadas a seguir as etapas de execução do projeto, a descrição dos recursos humanos envolvidos em cada etapa, a descrição do orçamento e desembolsos necessários e a avaliação do retorno.

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O *dark tourism* é um nicho de mercado relativamente novo e ainda pouco conhecido. O estudo desta área iniciou-se com Lennon e Foley (1996) com os conceitos iniciais e sendo aprimorados desde então por diversos outros autores, como Sharpley e Stone (2009) que acrescentam citando que o *dark tourism* pode ser considerado um fenômeno histórico que propõe a visitação de locais constituídos de memórias anteriores. Ainda complementam que essas localidades requerem uma atenção especial pois necessitam do entendimento do fenômeno justaposto aos contextos sociais, culturais, históricos e políticos.

A partir disso, junto com os dados obtidos na pesquisa, foi possível notar que existe uma demanda e uma oferta turística ociosa que podem ser aplicadas no contexto em que o povoado abandonado de Ararapira se encontra. Promover o povoado abandonado de Ararapira como um local importante e histórico, aliado as narrativas fantásticas e do imaginário como afirma Bristow (2005) pode ser uma alternativa de desenvolver o turismo na região. Assim, a região pode se tornar mais popular e atrair mais turistas, resultando em geração de renda e proteção do patrimônio natural e cultural.

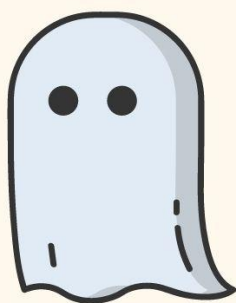
Para isso, este projeto tem como objetivo difundir o conceito e a prática do *dark tourism*, incentivar as populações locais a entenderem o fenômeno e utilizar-se do mesmo para gerar renda, promover o povoado abandonado de Ararapira como um local dotado de significância histórica e atrair o interesse do poder público para a região. Os dados utilizados no material foram retirados exclusivamente dos dados e das pesquisas obtidas durante o desenvolvimento deste trabalho. Para isso serão descritos no material, de uma forma simples, resumida e acessível a todos, os seguintes tópicos.

- a) O que é *Dark Tourism*?
- b) O que são Povoados Abandonados?
- c) Qual o perfil deste tipo de turista?
- d) Povoação Abandonada de Ararapira.
- e) Participação?
- f) Promoção

Para a execução do projeto que conta com quatro etapas é previsto que sejam necessários pelo menos 6 meses para a elaboração gráfica e textual do conteúdo e sua publicação. Os profissionais envolvidos nas etapas de elaboração do conteúdo serão: um turismólogo para a elaboração e revisão e um design gráfico/diagramador para a organização gráfica. Para a publicação física será necessário a contratação de serviço de uma gráfica ou editora. Para a publicação digital será necessário a contratação de um serviço de *webdesigner* e compra de domínio digital para a hospedagem de site próprio.

Para a promoção serão utilizadas ferramentas de publicidade paga em redes sociais e motores de busca e parcerias com os órgãos públicos de turismo do estado.

2022



DARK TOURISM

POVOAÇÃO
ABANDONADA
DE
ARARAPIRA

GUARAQUEÇABA
PARANÁ

Elaborado por: Nicolas Rodrigues Teixeira

2022

Nicolas Teixeira



O QUE É DARK TOURISM?

Originalmente, o Dark Tourism possuía uma definição exclusiva com a visitação à locais de morte, desastres e atrocidades.

Mas não tenha medo!

O Dark Tourism é muito mais do que isso: ele engloba a visitação a locais incríveis com diversas histórias da atividade humana. Desde a ocupação e abandono de locais, de acontecimentos trágicos causados pela ação humana ou da natureza, de lendas e superstições, de acontecimentos históricos como guerras e batalhas e encenações religiosas.

Ou seja, o Dark Tourism é a visitação à locais constituídas de memórias anteriores.

A proposta do Dark Tourism é promover através da visitação a educação, a nostalgia, o senso coletivo de identidade, rememoração e preservação da história.

2022

O que são povoações abandonadas?

As povoações abandonadas, conhecidas como cidades fantasma, são locais que há um conjunto de edificações que, no passado, foi um lugar com moradias, escola, igreja e que atualmente encontra-se em ruínas, abandonado ou com pouquíssimas pessoas residindo.

Elas ocorrem por motivos econômicos, sociais e políticos. Desde o declínio da atividade econômica local até a má administração dos responsáveis e desastres humanos e naturais.

As povoações abandonadas despertam no turista, um certo tipo de curiosidade, onde se busca entender as causas e motivos do abandono. Aliado a isso, cria-se uma atmosfera fantástica com histórias e lendas de assombrações.



Exemplos de Povoações Abandonadas

- Pripyat (Chernobyl) na Ucrânia;
- Centralia nos Estados Unidos;
- Bodie nos Estados Unidos;
- Ilha Hashima no Japão;
- Kayakoy na Turquia;
- Igatu no Brasil;
- Ararapira no Brasil.

2022

Nicolas Teixeira

QUAL O PERFIL DESTE TIPO DE TURISTA?

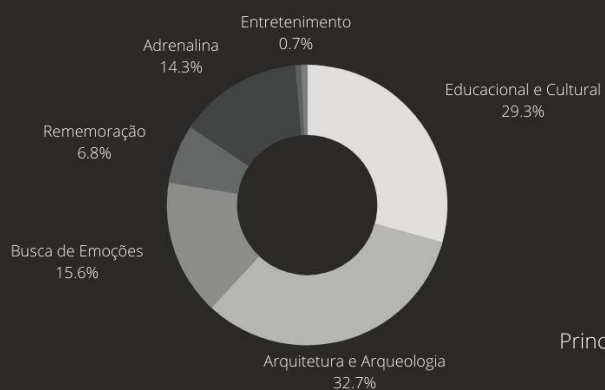
54,9%

Tem interesse em viagens para localidades aparentemente assombradas e macabras

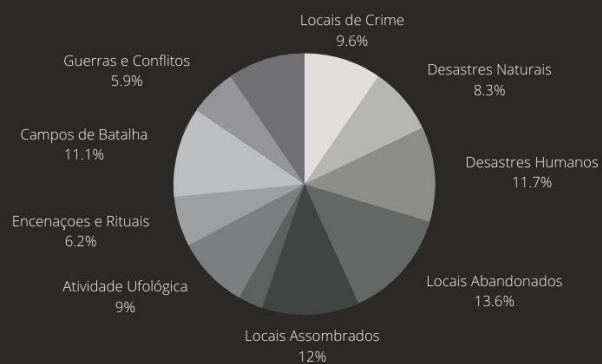
Nunca visitou este tipo de lugar.

72,9%

O que um turista deste tipo busca em localidades como Ararapira?



Principais segmentos do Dark Tourism buscados pelos turistas.



2022

Nicolas Teixeira

POVOAÇÃO ABANDONADA DE ARARAPIRA

Antes um importante entreposto comercial da era imperial brasileira, hoje encontra-se em ruínas.



Ararapira foi fundada após o curto ciclo do ouro na região do litoral norte do Paraná no século XVIII.

Durante o período colonial e imperial brasileiro a região era povoada por índios Tupiniquins e Carijós, por jesuítas, vicentinos e quilombolas.

O povoado abandonado de Ararapira é conhecido popularmente como Velha Ararapira e encontra-se dentro do distrito administrativo de Ararapira, que faz parte do município de Guaraqueçaba.

Causas do abandono foram as disputas territoriais na região e a erosão marítima causada pela abertura do canal do Varadouro em 1940.

2022

Nicolas Teixeira



POR QUÊ ARARAPIRA?

Como o Dark Tourism se relaciona com o local?

Caráter Fantástico

Por ser uma povoação abandonada, Ararapira pode ser explorada turisticamente adotando uma narrativa fantástica. Pode utilizar-se de lendas e superstições locais para promover este lado mais sombrio que desperta curiosidade nos turistas.

Caráter Histórico

Á parte do caráter fantástico, Ararapira pode ser explorada turisticamente adotando uma narrativa educacional que promova a preservação da história e memória local.

2022

Nicolas Teixeira



PARTICIPAÇÃO

Quem são os agentes envolvidos?

- Órgãos municipais e estaduais de turismo: auxílio na implementação e divulgação, através do planejamento técnico e operacional;
- Comunidade acadêmica: desenvolvimento de atividades com cunho educacional e projetos de extensão;
- Comunidade autóctone: implementação e operacionalização do projeto;
- Empresários do setor de turismo: patrocínio, custeio, promoção e operacionalização;
- Terceiro Setor: divulgação e operacionalização.

PROMOÇÃO

Como promover Ararapira através da abordagem do Dark Tourism?

- Ararapira, por ser uma povoação abandonada, pode aproveitar-se desta demanda para se promover como uma cidade fantasma.
- Utilização das lendas e superstições locais.
- Integração com a população local e serviços tursíticos oferecidos na região: hospedagem, alimentação, transporte terrestre e aquático e guiamento.
- Projetos de educação ambiental em parceria com o ICMBio para a região da APA de Guaraqueçaba e o Parque Nacional do Superagui.
- Resultados: aumento do turismo, geração de renda, preservação do patrimônio histórico e natural.



"Lançar o olhar sobre o passado é a melhor maneira de enfrentar a assombração da vetustez daquilo que foi deteriorado pelo tempo" Peter Fritzsche (1959)

2022

Nicolas Teixeira



OBRIGADO!

NICOLAS TEIXEIRA

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Para que o conteúdo seja elaborado de forma otimizada, dentro do prazo proposto serão apresentadas a seguir as quatro etapas principais de execução do projeto: captação de recursos, planejamento, implementação e monitoramento. Será apresentado também um cronograma que possibilitará uma melhor visualização das etapas, conforme QUADRO 10. Para que o projeto surta efeito, após a elaboração do material o turismólogo responsável buscará o diálogo com os órgãos de turismo de Guaraqueçaba e do estado do Paraná e buscará, quando possível, o contato com a população local. Reuniões poderão ser marcadas de forma digital para a apresentação do material com fins de agilizar o processo e diminuição de custos com deslocamento e transporte.

5.2.1 Descrição das Etapas para Execução do Projeto

1ª Etapa – Captação de Recursos

Para financiar os custos de elaboração, publicação e promoção, o projeto será apresentado aos órgãos municipais e estaduais de Turismo, a empresários e donos de empreendimento da região, à assembleia legislativa do estado, à câmara municipal de Guaraqueçaba e às organizações do terceiro setor, visando elencar os potenciais investidores e promotores do projeto. Há também a possibilidade de participar de editais de captação para projetos ligados ao turismo e a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico, como por exemplo da Fundação Boticário. Caso não haja nenhum investidor interessado em patrocinar os custos iniciais de produção, o projeto pode contar com a utilização de recursos próprios do turismólogo responsável.

2ª Etapa – Planejamento

Como apresentado anteriormente na descrição do projeto, o planejamento será de responsabilidade do turismólogo encarregado, partindo desde a concepção do material e da apresentação para as entidades descritas na seção de captação de recursos. O conteúdo do projeto foi baseado nas informações obtidas durante a pesquisa deste trabalho, contando com conceitos obtidos no referencial teórico e de dados obtidos através do questionário online e da entrevista com o gestor do ICMBio. Além disso, é importante incluir dentro da etapa de planejamento o design e a diagramação do conteúdo, bem como o tempo necessário para publicação física e do desenvolvimento do site próprio.

3ª Etapa – Implementação

Para implementar o projeto, será realizado a distribuição do material físico para órgãos municipais e estaduais de turismo, para a população local e para empresas do setor turístico da região. Além disso, promover o site próprio através de publicidade paga em redes sociais e motores de busca. Ao mesmo tempo, o turismólogo responsável buscará periodicamente o contato direto com a população local, a fim de criar um canal de comunicação direta para ser utilizado na etapa de monitoramento.

4ª Etapa – Monitoramento

Acompanhamento de visitas no site e dos dados promocionais das redes sociais e motores de busca. Será disponibilizado no material e no site, formas de contato direto via e-mail e telefone com o turismólogo encarregado para disponibilidade de mais informações e parcerias. Será criado um formulário de feedback no site com o intuito de permitir opiniões e sugestões de melhoria do projeto.

QUADRO 10 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Étapas	Ações	Jun/22	Jul/22	Ago/22	Set/22	Out/22	Nov/22
1	Captação						
2	Planejamento						
3	Implementação						
4	Monitoramento						

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos Envolvidos em Cada Etapa

Para o desenvolvimento do projeto, será necessário definir os recursos humanos, as responsabilidades e funções de acordo com as ações previstas no cronograma do QUADRO 10. Para isto, foi desenvolvido o QUADRO 11, com as atribuições de cada profissional envolvido durante a execução do projeto.

QUADRO 11 – RECURSOS HUMANOS

Etapa	Recurso Humano	Atribuições
1	Turismólogo	Captação de Recursos: apresentação do material para entidades e empresas ligadas ao setor do turismo.
2	Turismólogo	Planejamento: desenvolvimento do conteúdo do projeto; revisão textual.
	Designer / Diagramador Web Designer	Planejamento: diagramação do material textual. Planejamento: design do site.
3	Turismólogo	Implementação: publicação do material via gráfica ou editora; contratação de domínio para publicação do site; envio do material para empresas de turismo e população local; promoção via publicidade paga; agendamento de reuniões.
4	Turismólogo	Monitoramento: acompanhamento dos acessos no site e dos dados promocionais; verificação dos feedbacks via site; acompanhamento de mensagens recebidas via contato de e-mail ou telefone.

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

5.2.3 Descrição do Orçamento e Desembolsos por Etapa

Para a execução do projeto será necessário apresentar a descrição do orçamento previsto. O QUADRO 12 a seguir apresentará os valores médios calculados individualmente e total para cada recurso humano.

Os valores das horas de trabalho foram calculados de acordo com a média salarial 2021 disponível no site salario.com.br. Os valores de design/diagramador e webdesign foram baseados na tabela de valores da agência HVNA (2021), disponível online. O valor das impressões foi calculado com base em uma tiragem inicial de 50 exemplares em papel *couché* de 115g, através da tabela de preços da Lapel (2021), disponível online. O valor de compra de domínio foi baseado na oferta do site Registro.br (2021). A hospedagem inicial será realizada através de plataformas gratuitas como o Wordpress por exemplo. A publicidade através de Google AdWords foi estimada para 2000 cliques iniciais e os valores de envio via correio foram obtidos através da tabela 2021 de envio de cartas simples e comerciais com peso médio entre 20g a 50g.

QUADRO 12 - ORÇAMENTO PREVISTO

Recurso Humano	Quantidade / Tempo	Custo Individual	Custo Total
Turismólogo	30h semanais de elaboração por 3 meses	R\$ 2.434,87/mês	R\$ 7.312,21
	30h mensais de monitoramento por 1 mês	R\$ 16,23 /h	R\$ 486,97
	9 páginas para revisão	R\$ 10 /página	R\$ 90,00
Designer / Diagramador	01 serviço de diagramação	Mínimo R\$300,00	R\$ 300,00
Webdesigner	01 Website Responsivo:1 Página com 5 Seções.	R\$ 870 /un	R\$ 870,00
Impressão/Publicação	50 impressões, 9 páginas cada em papel couché 115g	R\$ 1,80 /página	R\$ 810,00
Compra de Domínio	1 registro por 1 ano	R\$ 40,00 /ano	R\$ 40,00
Publicidade	2000 cliques	R\$ 0,30 /clique	R\$ 600,00
Correio	Envio de 50 materiais	R\$ 2,95 /carta	R\$ 147,50
TOTAL			R\$ 10,656.68

FONTE: Organizado pelo autor (2021).

5.2.4 Avaliação do Retorno do Investimento

O projeto não tem como objetivo inicial o ganho financeiro direto. Dessa forma não será possível calcular uma previsão de retorno de investimento. Entretanto o projeto tem como objetivo incentivar o turismo na região do povoado abandonado de Ararapira, utilizando-se da temática do *dark tourism* para angariar potenciais turistas que buscam este tipo de aventura. Dessa forma, a receita inicial seria destinada para a população local que trabalhará diretamente no desenvolvimento do turismo na região. A longo prazo, é esperado que o turismólogo encarregado pelo projeto obtenha mais destaque dentro da área e seja convidado para participar de consultorias para o desenvolvimento do *dark tourism* em outras regiões. Além disso, dependendo de como o projeto se desenvolver, é possível que o turismólogo possa assumir a coordenação do turismo na região como prestador de serviço ou parceiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segmento do *dark tourism* ainda é um nicho de mercado pouco estudado e pouco explorado. Um dos motivos por trás disso pode ser a carga emocional negativa que o *dark tourism* carrega em suas definições teóricas e em alguns exemplos práticos. Entretanto, como apresentado no referencial teórico deste trabalho, o *dark tourism* possui também um lado positivo, inclinado à um caráter educativo no que se diz a respeito da preservação da história, da memória e do patrimônio de uma localidade. Aliado a isso, percebe-se nos últimos anos o crescente aumento do interesse dos turistas em aventuras envolvendo cultura, história, arqueologia e interações com a população autóctone. (HOLLINSHEAD, 1993; HUGHES E ALLEN, 2005; NURYANTI, 1996; APUD. CORREIA ET AL. 2013, P.414).

Com isso, foi possível correlacionar as questões das povoações abandonadas com o *dark tourism*. Com os exemplos pesquisados foi possível observar as mais diversas maneiras de se planejar o turismo em uma localidade total ou parcialmente abandonada. Desde reencenações de festas, excursões, visitas guiadas, desenvolvimento de turismo ecológico, esportes de natureza, museus à céu aberto e localidades sem desenvolvimento específico do turismo, mas que instigam a curiosidade do turista. Planejado ou espontâneo, o turismo nesse tipo de lugar acontece, ou seja, existe uma demanda para este tipo de nicho de mercado ainda pouco desenvolvido.

O objetivo do trabalho foi relacionado à motivação do turista para a prática do *dark tourism* e conseqüentemente aplicar este conhecimento obtido no desenvolvimento da atividade do *dark tourism* na povoação abandonada de Ararapira. Com as respostas obtidas através do questionário foi possível concluir que as motivações normalmente estão relacionadas ao caráter do aprendizado cultural, educacional e político, junto a questão histórico-patrimonial. Dessa forma foi possível projetar que é possível desenvolver o *dark tourism* em Ararapira, pois conta com as características de ser uma povoação abandonada, com um patrimônio histórico-cultural importante e localizada em uma área de proteção ambiental.

A proposta de projeto deste trabalho foi pensada como sendo um ponto de partida para a disseminação do conhecimento do *dark tourism* como uma prática saudável de turismo, desprendendo da conotação negativa que o termo traz. Junto a isso, a possibilidade de se criar e desenvolver um produto com as características do *dark tourism* na povoação abandonada de Ararapira, trazendo benefícios para a população local, através da geração de renda, da preservação do patrimônio cultural e do patrimônio ambiental. É demonstrar para essa população e para os órgãos de turismo esta possibilidade de nicho de mercado.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram encontradas algumas dificuldades. O acesso a alguns livros foi somente possível através de livros digitais, pois além da dificuldade de encontra-los em versão física, eram de custo muito elevado. Além disso, a maioria dos artigos pesquisados eram de língua inglesa, o que demonstra uma carência de estudos relacionados ao tema no Brasil. Outra dificuldade que impactou diretamente o desenvolvimento deste trabalho foi a pandemia de COVID-19, que impossibilitou a visitação a certos lugares e acesso a pessoas. Em sua totalidade, o trabalho foi feito em meio digital, o que acarreta uma sensação de impessoalidade à pesquisa.

Como contribuições futuras, recomenda-se aperfeiçoamento do projeto deste trabalho bem como sua aplicação em outras localidades que possam ter características semelhantes. Também a difusão do conhecimento envolvendo o *dark tourism* e povoações abandonadas, através de mais estudos sobre o tema em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. **Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, El Sauzal, v. 6, n. 3, p. 569-590, out. 2008.
- ATLAS OBSCURA. **Kayakoy, Turkey**. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/places/kayakoy-turkey>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- BRISTOW, Robert S.. Communitas in fright tourism. **Tourism Geographies**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 319-337, 13 jan. 2020. Informa UK Limited.
- BRISTOW, Robert S.; NEWMAN, Mirela. Myth vs. Fact: An Exploration of Fright Tourism. **Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation Research Symposium**. p.215-221, 2005.
- CENTRALIA ORG. **Centralia PA is Silent Hill PA**. Disponível em: Centralia PA is Silent Hill PA. Acesso em: 17 jun. 2021.
- CORREIA, Antônia; KOZAK, Metin; FERREIRA, João. From tourist motivations to tourist satisfaction. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 411-424, 7 out. 2013. Emerald.
- CRISTO, Luciana. **Guaraqueçaba abriga uma “Vila Fantasma”**. 2010. Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/noticias/parana/guaraquecaba-abriga-uma-vila-fantasma/>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- DIXON, Deborah P.; PENDLETON, Mark; FEARNLEY, Carina. Engaging Hashima: memory work, site-based affects, and the possibilities of interruption. **Geohumanities**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 167-187, 2 jan. 2016. Informa UK Limited.
- ELICK, Jennifer M.. Mapping the coal fire at Centralia, Pa using thermal infrared imagery. **International Journal Of Coal Geology**, [S.L.], v. 87, n. 3-4, p. 197-203, set. 2011. Elsevier BV
- FOLEY, Malcolm; LENNON, J. John. Editorial: heart of darkness. **International Journal of Heritage Studies**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 195-197, dez. 1996. Informa UK Limited.
- GERHARD, Tatiana; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- HOHENHAUS, Peter. **Centralia**. Disponível em: <http://www.dark-tourism.com/index.php/usa/15-countries/individual-chapters/738-centralia>. Acesso em: 17 jun. 2021

HOHENHAUS, Peter. **Gunkajima**. Disponível em: <http://www.dark-tourism.com/index.php/japan/15-countries/individual-chapters/454-gunkanjima>. Acesso em: 17 jun. 2021

HOHENHAUS, Peter. **Prypiat**. Disponível em: <http://www.dark-tourism.com/index.php/ukraine/15-countries/individual-chapters/1065-pripyat>. Acesso em: 17 jun. 2021

HRYHORCZUK, Nicholas. Radioactive Heritage: the universal value of chernobyl as a dark heritage site. **Qualitative Inquiry**, [S.L.], v. 25, n. 9-10, p. 1047-1055, 2 ago. 2018. SAGE Publications

HVNA. **Tabela de Preços Base Design Gráfico e WEB**. Disponível em: <http://www.hvna.com.br/orcamentos.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

IBGE. **Histórico de Guaraqueçaba**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guaraquecaba/historico>. Acesso em: 12 jul. 2021.

IBGE. **Censo**: Guaraqueçaba. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>. Acesso em: 12 jul. 2021

ICMBio. **Plano de Manejo Parque Nacional do Superagui**. Brasília: Brasil, 2020. 262p

ICMBio. **Plano de Gestão Ambiental da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: Brasil, 1995. 94 p.

LAPTEL. **Tabela de Preços**. Disponível em: <https://www.lapel.com.br/v2/tabela-de-precos> Preços. Acesso em: 21 nov. 2021.

LENNON, John. Dark Tourism. **Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice**, [S.L.], 29 mar. 2017. Oxford University Press.

MILLEO, Henry. **Vivendo em uma Cidade Fantasma**. Disponível em: <https://www.henrymilleo.com.br/stories/vivendo-em-uma-cidade-fantasma/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ÖZER, Özgür; AVCI, Mehmet; KARAKUŞ, Nihat. A Study For the Evaluation of Alternative Tourism Opportunities in Fethiye Destination. **Journal Of Tourism And Gastronomy Studies**. Ankara, p. 21-27. dez. 2015

PODOSHEN, Jeffrey S.; VENKATESH, Vivek; WALLIN, Jason; ANDRZEJEWSKI, Susan A.; JIN, Zheng. Dystopian dark tourism: an exploratory examination. **Tourism Management**, [S.L.], v. 51, p. 316-328, dez. 2015. Elsevier BV.

RAZENTE, Nestor. **Povoações Abandonadas no Brasil**. Londrina: Eduel, 2016. 474 p. Ebook – Kindle

REGISTROBR. **Pagamento de Domínio**. Disponível em: <http://www.registro.br>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SALÁRIO. **Turismólogo - Salário 2021 e Mercado de Trabalho**. 2021. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/turismologo-cbo-122520/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SHARPLEY, Richard; STONE, Philip R.. **The Darker Side of Travel: the theory and practice of dark tourism**. Bristol: Channel View Publications, 2009. 288 p. (Aspects of Tourism). Ebook – Kindle.

SMITH, Wayne William. Dark Tourism: the attraction of death and disaster. **Annals of Tourism Research**, [S.L.], v. 29, n. 4, p. 1188-1189, out. 2002. Elsevier BV.

SOMEWHERE UNIQUE. **Kayakoy**. Disponível em: <https://somewhere-unique.com/kayakoy/>. Acesso em: 17 jun. 2021

STRAZDES, Diana. The Display of Ruins: lessons from the ghost town of Bodie. **Change Over Time**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 222-243, 2013. Project Muse.

SUN, Jiaojiao; LV, Xingyang. Feeling dark, seeing dark: mind & body in dark tourism. **Annals of Tourism Research**, [S.L.], v. 86, p. 103087, jan. 2021. Elsevier BV.

THE BODIE FOUNDATION. **Protecting Bodie's Future BY PRESERVING ITS PAST**. Disponível em: <https://www.bodiefoundation.org/>. Acesso em: 17 jun. 2021

TODOROV, João Cláudio; MOREIRA, Márcio Borges. O conceito de motivação na psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. 2005, vol.7, n.1, pp. 119-132.

TRIPADVISOR. **Ruínas de Igatu**. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g3845584-d8759891-Reviews-Igatu_Ruinas-Igatu_Andarai_State_of_Bahia.html. Acesso em: 17 jun. 2021.

VEAL, A.J.. **Metodologia De Pesquisa Em Lazer E Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011. (Série Turismo)

YUILL, Stephanie Marie. **Dark Tourism: understanding visitor motivation at sites of death and disaster**. 2003. 278 f. Thesis (Master of Science) – Major Subject of Recreation, Park and Tourism Sciences, Texas A&M University, College Station, 2003.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO GOOGLE FORMS

Pesquisa Projeto de Planejamento e Gestão de Turismo - UFPR 2021A

Esta pesquisa faz parte do desenvolvimento do Projeto de Planejamento e Gestão de Turismo, necessário para a conclusão do curso superior de Turismo da Universidade Federal do Paraná.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa a seguir, cujo objetivo é compreender as preferências e as motivações que levam os turistas a visitarem locais associados à morte, ao sofrimento, aparentemente assombradas e macabras em busca de experiências emocionais e fantásticas.

Cerca de 10 minutos são necessários para responder a este questionário.

Esta pesquisa coletará dados socioeconômicos e comportamentais relacionados ao turismo.

Esta pesquisa abordará temas que podem ser considerados sensíveis.

As respostas são coletadas de forma anônima e possuem caráter exclusivamente acadêmicos.

Caso tenha dúvidas, entre em contato:

Nicolas Rodrigues Teixeira

nicolasrtex@gmail.com

Profª Orientadora:

Profª. Drª. Letícia Bartoszeck Nitsche

lticia@gmail.com

Concorda com os termos acima? *

Concordo.

Discordo.

Dados Socioeconômicos

Nesta seção você irá responder perguntas de caráter estatístico.

Qual o estado que você mora? *

Qual seu sexo? *

Masculino
Feminino
Outro
Prefiro não dizer

Qual a sua faixa etária? *

18 anos ou menos
19 a 29 anos
30 a 39 anos
40 a 49 anos
50 a 59 anos
60 anos ou mais
Prefiro não dizer

Qual é seu nível de escolaridade? *

Fundamental
Medio
Superior
Técnico
Tecnólogo
Prefiro não dizer

Qual é sua faixa de renda mensal? *

Até R\$1.500
R\$1.500 a R\$3.000
R\$3.000 a R\$5.000
R\$5.000 a R\$10.000
Mais de R\$10.000
Prefiro não dizer

Turismo e Hábitos de Viagem

Nesta seção, você irá responder algumas perguntas sobre seus hábitos de viagem.

Quantas viagens você costuma realizar por ano? (excluindo-se o período de pandemia de covid-19) *

Nenhuma
Uma
Duas
Três ou mais

Quais são as suas motivações para realizar suas viagens? *

Descanso
Visita a parentes e amigos
Conhecer novos locais, culturas e pessoas
Trabalho e estudos
Outra:

Viajaria para localidades associadas à morte ou sofrimento ou aparentemente assombradas e macabras? *

Sim
Não

Dark Tourism

Nesta seção, você irá responder perguntas sobre Dark Tourism.

Você já visitou algum lugar dentro do segmento do Dark Tourism? (ex: locais abandonados, locais dotados de lendas e superstições sobrenaturais, locais de crimes e guerras, locais associados à morte e sofrimento, etc) *

Sim
Não

Caso tenha respondido "Sim" na pergunta anterior, informe os locais visitados, citando a cidade e país de localização.

Caso tenha visitado ou tenha a intenção de visitar um destino de Dark Tourism, como você busca informações sobre os locais e destinos? *

Motores de busca online (google, bing, etc)
Dicas de amigos e parentes
Sites especializados (portais, blogs, etc)
Instagram
Facebook
Agências de viagens
Outra:

Caso tenha visitado ou tenha a intenção de visitar um destino de Dark Tourism, como você organiza suas viagens? *

Exclusivamente por conta própria
Por conta própria e por intermédio de agências de viagens
Exclusivamente por intermédio de agências de viagens
Outra:

Caso tenha visitado ou tenha a intenção de visitar um destino de Dark Tourism, qual é o meio de hospedagem que prefere utilizar nas viagens? *

Hotéis
Pousadas

Hostels ou albergues
 Barraca ou camping
 Imóvel alugado / AirBnb
 Motorhome
 Outra:

Caso tenha visitado ou tenha a intenção de visitar um destino de Dark Tourism, qual é o tempo médio de permanência ideal para suas viagens? *

Passar o dia
 1 a 2 dias
 3 a 5 dias
 6 a 10 dias
 Mais de 10 dias

Caso tenha visitado ou tenha a intenção de visitar um destino de Dark Tourism, qual é a forma que realiza suas viagens? *

Com os amigos
 Com membros da família
 Sozinho
 Excursões
 Outra:

Quais dos seguintes segmentos do Dark Tourism mais lhe interessa? *

Locais de Crime (ex: assassinatos em massa, holocausto, assassinatos em série)
 Locais de Desastres Naturais (ex: terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas)
 Locais de Desastres Causados por Ação Humana (ex: Memorial 11/09 , Chernobyl, Fukushima, etc)
 Locais Abandonados (ex: cidades fantasmas ou povoações abandonadas)
 Locais Assombrados (ex: castelos, presídios e hospitais desativados, vilarejos dotados de lendas e superstições)
 Locais Perigosos (ex: locais de difícil acesso, climas extremos, risco de doenças, locais com governos tiranos)
 Locais de Atividade Ufológica (ex: avistamentos de OVNIS)
 Locais de Encenações ou Rituais (ex: rituais religiosos, encenações de situações perigosas)
 Campos de Batalha Históricos (ex: locais históricos de conflitos guerras passadas)
 Locais de Guerras e Conflitos (ex: locais com conflito ativo, regiões dominadas por cartéis, gangues e organizações terroristas)
 Cemitérios e Catacumbas (ex: igrejas, mausoléus)

Com base na pergunta anterior, o que te motiva a visitar estes lugares? *

O caráter de aprendizado cultural, educacional e político
 Apreciação histórica, arqueológica e arquitetônica
 Busca de emoções reflexivas positivas e negativas

Rememoração

Adrenalina, diversão e prazer

Outra:

O que você considera mais importante ao se visitar localidades como estas citadas anteriormente? *

Facilidade de acesso

Preço

Atratividade

Bagagem histórico-cultural

Infraestrutura básica de apoio

Outra:

Você realizaria uma viagem com o objetivo de visitar um local considerado abandonado, isolado e de difícil acesso? (acesso somente por estrada de terra ou barco) *

Sim

Não

Você acredita que existe um problema ético em explorar turisticamente locais associados à morte e ao sofrimento alheio? *

Sim

Não

Caso queira, justifique a sua resposta da pergunta anterior.

Você acha válido explorar turisticamente localidades abandonadas com objetivo de preservar a história e memória local aliado a geração de renda? *

Sim

Não

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM GESTOR DO ICMBIO

Como funciona o controle de turistas que visitam a região?

O Parque nacional de Superagui - PNS no momento não conta com estruturas físicas e pessoal destinados a realizar o controle de acessos de visitantes na Unidade de Conservação.

É feito o controle de entrada de turistas que entram na área de proteção ambiental via Cananéia e/ou Ilha do Cardoso?

Não, esse controle não é feito, já que o PNS não conta com os meios necessários para realização do controle de acessos dos turistas que vêm de Cananéia ou Ilha do Cardoso.

Existe a possibilidade desenvolver um produto ou roteiro turístico sustentável que envolva o Povoado Abandonado de Ararapira?

Sim, existe essa possibilidade.

Quais os pontos positivos e negativos sobre a possibilidade deste produto turístico sustentável?

Os pontos positivos seriam a possibilidade de maior sensibilização dos visitantes quanto a importância da conservação do PNS, partir das visitas aos ambientes naturais e patrimônio histórico-cultural do parque... os pontos negativos seriam relacionados a possíveis impactos ambientais (lixo, p. ex.) relacionados com a visita no local, ou até mesmo o possível desrespeito dos turistas em relação aos moradores nativos do local.

Como a população local enxerga a visitação turística na região?

Creio que eles vêem o turismo de forma positiva, como uma possibilidade de emprego e renda extra para eles.

Existem restrições ambientais para o turismo nesta região? Quais?

As normas para visitação estão previstas no Plano de Manejo do parque, que deverá ser observado pelos visitantes e operadores de turismo que queiram desenvolver suas atividades no PNS.

Existe alguma preterição por parte dos moradores ou ex-moradores locais sobre explorar turisticamente o povoado abandonado de Ararapira como um local dotado de lendas e superstições?

Não sei dizer, isso teria que ser conversado e devidamente acordado junto aos moradores locais... o que posso dizer é que Barra do Ararapira não é um povoado totalmente abandonado, pois atualmente existem pelo menos três famílias de nativos que residem permanentemente nessa localidade.

Como é a segurança na região?

Não sei mensurar qual a segurança na região... pois existem vários tipos de riscos envolvidos, como acidentes com animais peçonhentos, outros incidentes possíveis (se

perder na mata, p.ex) questões climáticas, fator humano etc... então, isso é muito relativo.

Como funciona a fiscalização contra vandalismo? Existe alguma equipe responsável por avaliar danos na região?

Quem é responsável pela proteção do PNS seriam os agentes ambientais do ICMBio, que podem contar com apoio do Batalhão de Polícia Ambiental - Força Verde da PM.

Quais são (ou se existem) os projetos e planos para a preservação física do local?

Essas questões de planejamento da UC estão previstas no Plano de Manejo do Parque Nacional de Superagui.

Como está o processo de erosão da costa causado pela abertura do Canal do Varadouro? Existe algum plano ou medida para frear ou diminuir os danos?

O processo de erosão está avançando, como vem ocorrendo paulatinamente desde a abertura do Canal do Varadouro... em tese, não existe como frear a erosão marinha causada pelo movimento das marés, nesse local.

Atenciosamente,
Wagner Cardoso
Analista Ambiental
NGI Antonina-Guaraqueçaba.